TRADUTORES MINEIROS:

O CASO DE AGENOR SOARES DE MOURA

Luciana Maia Borges

Luciana Maia Borges

TRADUTORES MINEIROS:

O CASO DE AGENOR SOARES DE MOURA

Monografia submetida ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de bacharel em Letras: Ênfase em Tradução – Inglês, elaborada sob a orientação de Profa. Dra. Maria Clara Castellões de Oliveira.

Juiz de Fora
Faculdade de Letras
Universidade Federal de Juiz de Fora
Julho de 2007

BANCA EXAMINADORA

_____

Profª. Drª. Maria Clara Castellões de Oliveira (Orientadora)

_____

Profª. Drª. Enilce do Carmo Albergaria Rocha

_____

Prof. Dr. Rogério de Souza Sérgio Ferreira

Faculdade de Letras da UFJF
Juiz de Fora, julho de 2007

DEDICATÓRIAS

Aos meus avós José Gomide Borges e Maria Trindade Maia,

Pelo exemplo de força e bondade e por terem me presenteado com meus pais e minha família.

À Profª. Drª. Maria Clara Castellões de Oliveira,

Por ter me acompanhado e me ajudado durante todo o processo desse trabalho e por todo o conhecimento que me passou durante o curso do Bacharelado em Letras.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Célia, que sempre me ajudou e me deu apoio em todos os momentos. Obrigada pelas dicas e conselhos. Por sempre estar comigo, me colocando pra cima. Por me mostrar o prazer da leitura desde cedo. Por pensar alto e me mostrar que o mundo não tem limites. Por ser uma grande mãe e uma pessoa por quem eu tenho imenso orgulho e amor.

Ao meu pai Márcio. Obrigada, pai, por ser essa pessoa maravilhosa. Eu me espelho em você todos os dias da minha vida. Obrigada pelo carinho e por nossas conversas. Obrigada por, mesmo longe, eu sentir sua presença tão perto de mim, sempre me ajudando e me apoiando. Te amo muito!

Ao Tiago, por ser tão companheiro e tão amigo ao longo desses anos. Por todos os momentos maravilhosos que eu tive junto com você. Pela paciência em ler comigo os capítulos desse trabalho. Por estar sempre me ajudando e me fazendo rir. Por ser alguém que eu admiro e amo imensamente.

À toda minha família. Por compreenderem a minha ausência, por toda a convivência durante os anos e por serem pessoas tão sensacionais. Tenho muita sorte de ter vocês!

À Gui, ao Nivaldo, ao Pedro e ao José. Obrigada por serem pessoas tão iluminadas e por toda amizade, carinho e ajuda. Por sempre terem aberto sua casa para mim e por me fazerem sentir que são verdadeiramente minha segunda família.

Aos amigos Bruno, Danilo, Dudu, Edvar, Felipe, Gilberto, Káthia, Liliane, Mariana, Natália Balbi, Natália Salles, Polato, Rodrigo, Tânios e Thaís, por estarem sempre comigo. Por terem a paciência de me escutar falando deste trabalho durante o último ano. Pelos momentos de distração e risadas. Pela curtição. Por serem sempre, e antes de tudo, amigos.

A todos os professores e colegas da Faculdade de Letras e do Bacharelado em Letras: Ênfase em Tradução – Inglês, com quem muito aprendi. Vocês são responsáveis pela minha formação e muitos se tornaram para mim exemplos de pessoas e de profissionais. Obrigada pela ajuda e pela amizade.

À Profª. Drª. Maria Clara Castellões de Oliveira. É difícil expressar toda a gratidão que eu sinto por uma pessoa que tanto marcou minha vida acadêmica. Levarei sempre comigo tudo aquilo que você me ensinou. Obrigada por toda a ajuda e por ser uma pessoa e uma profissional a quem sempre admirarei.

Durante a realização das pesquisas que me conduziram à elaboração desta monografia recebi uma bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 8

CAPÍTULO 1

A TRADUÇÃO NA DÉCADA DE 1940 E O DIÁRIO DE NOTÍCIAS 16

1.1. O DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA EDITORIAL BRASILEIRA 17

1.2. A ATUAÇÃO DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS NO CONTEXTO SUL RIO-GRANDENSE..... 21

1.2.1. Breve histórico do DIÁRIO DE NOTÍCIAS 24

CAPÍTULO 2

***À MARGEM DAS TRADUÇÕES*: UMA CRÔNICA DA TRADUÇÃO NO BRASIL ... 29**

2.1. OS TRADUTORES 30

2.2. AS EDITORAS 33

2.3. AS OBRAS E AS LÍNGUAS-FONTE 37

CAPÍTULO 3

A CRÍTICA E A PRÁTICA DE TRADUÇÃO DE AGENOR SOARES DE MOURA . 42

3.1. A CRÍTICA DE TRADUÇÃO 43

3.1.1. A crítica de base lingüística 43

3.1.2. A crítica textual 44

3.1.3. A crítica culturalista 50

3.1.4. O entre-lugar da crítica de José Paulo Paes..... 55

3.2. AS POSTURAS CRÍTICAS DE AGENOR SOARES DE MOURA 57

3.2.1. A análise da crítica de Moura 61

3.3. A PRÁTICA TRADUTÓRIA DE AGENOR SOARES DE MOURA 66

CONSIDERAÇÕES FINAIS 75

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 78

ANEXOS 81

ANEXO I: Conto *The Adventure of the Illustrious Client* de Sir Arthur Conan Doyle, na língua inglesa

ANEXO II: Tradução para o português de *The Adventure of the Illustrious Client*, realizada por Agenor Soares de Moura

INTRODUÇÃO

Esta monografia de conclusão de curso do Bacharelado em Letras: Ênfase em Tradução – Inglês da Universidade Federal de Juiz de Fora se intitula “Tradutores Mineiros: O Caso de Agenor Soares de Moura” e insere-se no âmbito do projeto de pesquisa “Traduções Literárias: Jogos de Poder entre Culturas Assimétricas”, desenvolvido no contexto do Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma universidade. Ela tem por objetivo discutir a tradução tal como criticada, teorizada e praticada pelo intelectual mineiro Agenor Soares de Moura.

Agenor Soares de Moura (1901-1957), cuja atuação como crítico de tradução e tradutor durante a década de 1940 é o foco de investigação deste trabalho, nasceu e morou durante quase toda a sua vida em Barbacena, Minas Gerais. Professor de português do ensino médio, formado em Direito, era também apaixonado por Lingüística e começou cedo a estudar idiomas. Veio a se vincular ao DIÁRIO DE NOTÍCIAS, jornal sul rio-grandense, como crítico de traduções, em 1944. As atividades de Moura nesse veículo foram interrompidas em 1946.

Em 2003, Ivo Barroso fez publicar, pela Editora Arx, uma compilação das crônicas publicadas por Moura no DIÁRIO DE NOTÍCIAS. É nesse livro, prefaciado por Paulo Rónai, que o presente trabalho se baseia. Moura passou a contribuir ao DIÁRIO DE NOTÍCIAS praticamente por acaso. Em setembro de 1944, o Suplemento Literário do DIÁRIO, por iniciativa de Raul Lima - jornalista, tradutor e redator-chefe deste jornal - e de Guilherme Figueiredo – teatrólogo e diretor do Suplemento -, convidou seus leitores a ajudarem a melhorar o nível das traduções, denunciando erros e infidelidades ao compará-las com o original. Moura foi um dos primeiros a acudir ao chamado. Seus comentários, enviados à redação, começaram a ser publicados com o aviso de que se tratava das observações de “um modelo de leitor cuidadoso e estudioso de línguas” (RÓNAI citado por BARROSO, 2003, p. 10). Em pouco tempo, o Suplemento estaria com uma seção permanente, “À Margem das

Traduções", assinadas pelas iniciais C.T. (Crítico de Traduções), pseudônimo usado por Moura. Para este mesmo Suplemento Literário, iriam contribuir, em 1947, Aurélio Buarque de Holanda, com a seção intitulada "O Conto da Semana" e, mais tarde, a partir de 1954, Paulo Rónai.

Com o objetivo de analisar livros recentemente traduzidos para informar aos leitores sobre a qualidade e a adequação dessas traduções, a seção de Moura no DIÁRIO logo chamou a atenção dos leitores. Foi notória sua contribuição ao jornal sobre o assunto – através dos comentários tecidos, as sugestões de formas estilísticas e vocabulares mais adequadas para resolver os problemas apontados, as minúcias ao discursar sobre o espírito das línguas e as noções que inseria sobre a arte de traduzir. Em função de sua atuação no DIÁRIO, Moura, após dois anos de contribuição para o jornal, foi contratado como tradutor pela Editora Globo.

A primeira tradução realizada por Moura foi o primeiro tomo da tetralogia de Thomas Mann, *José e seus Irmãos*, feita diretamente do alemão, e publicada pela Editora Globo em 1947. Essa tradução foi muito elogiada por Paulo Rónai, o primeiro a publicar livros sobre a teoria e a prática da tradução no Brasil (WYLER, 2003, p. 12). Além dessa, foi possível detectar outras quatro traduções de Moura publicadas pela Editora Globo: *O Jovem José* (1948), *José no Egito* (1949), *José, o Provedor* (1951) – os três volumes restantes da tetralogia de Thomas Mann – e *História das Grandes Óperas e de seus Compositores – Vol. VI e VII* (1957), de Ernest Newman, tradução feita em parceria com João Henrique Chaves Lopes. Verificou-se também a publicação de três traduções de Moura publicadas pela Editora Melhoramentos: *Histórias de Sherlock Holmes* (s/d), de Sir Arthur Conan Doyle, *A Expedição Kon-Tiki e Aku-Aku* (s/d), do explorador e arqueólogo norueguês Thor Heyerdahl, tradução feita em parceria com Raul de Polillo e *A América do Sul os Chamava: Exploração dos Grandes Naturalistas La Condamine – Humboldt – Darwin – Spruce* (s/d), do explorador norte-americano Victor W. von Hagen. Por fim, foi encontrada a publicação de um livro

traduzido por Moura pela Editora de Ouro: *Isto é Coragem* (s/d), do norte-americano Armstrong Sperry.

Além de Moura, outros intelectuais mineiros se dedicaram ao ofício tradutório durante a década de 1940 do século XX. Entre eles, é possível citar Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault e Milton Amado. Deve-se incluir nessa lista Oscar Mendes, que, a despeito de ter nascido em Recife, viveu a maior parte de sua vida em Minas Gerais. Tal fato permite que se perceba a relevante contribuição de Minas Gerais para o desenvolvimento da tradução no Brasil durante o período em questão.

Carlos Drummond de Andrade, nascido na pequena Itabira do Mato Dentro, no ano de 1902, tornou-se um dos mais conhecidos poetas da literatura brasileira, publicando um vasto número de poemas e livros em prosa ao longo de sua vida. Fortemente influenciado pelo movimento modernista, morou durante muitos anos em Belo Horizonte, colaborando com jornais como o DIÁRIO DE MINAS e ESTADO DE MINAS. Seu primeiro livro, *Alguma Poesia*, publicado em 1930, foi editado sob o selo imaginário de Edições Pindorama, criado por Eduardo Frieiro, e causou grande impacto nos leitores por sua inovação.

Drummond mudou-se para o Rio de Janeiro e lá suas obras chamaram a atenção de um grande editor da região: José Olympio. Em 1942, a editora que levava o seu nome publicou *Poesias – José*. A Casa, como foi chamada pelo dono e pelos intelectuais que a freqüentavam, continuou publicando muitas de suas obras ao longo dos anos, sendo o último livro de Drummond por ela publicado lançado em 1983.

Além das profissões de escritor e jornalista, Drummond dedicou-se também à tradução de textos literários provenientes do idioma francês. Traduziu, entre outros, *Les Liaisons Dangereuses*, de Chordelos de Laclos (1947), *Lês Paysans*, de Balzac (1954) e *Albertine Disparue*, de Proust (1956). O poeta continuou produzindo até o final de sua vida, em agosto de 1987.

Outro intelectual que atuou na década de 1940 foi Abgar Renault, que, assim como Moura, nasceu em Barbacena, no ano de 1901. Foi professor de português, inglês e literatura inglesa em diversas universidades, inclusive na Universidade Federal de Minas Gerais. Chegou a exercer várias funções e cargos no governo, como o de deputado estadual (1927-1930) e o de Secretário da Educação de Minas Gerais (1947-1950). Renault atuou principalmente no período da Era Vargas. Durante a Segunda Guerra Mundial, ele se identificou com o sofrimento dos poetas que lutaram e morreram nos conflitos. Grande admirador da Inglaterra e de sua cultura, traduziu diversos autores daquele país, bem como escritores americanos, espanhóis, franceses e alemães. Sua tradução de contos relacionados a guerras, reunidos em uma coletânea intitulada *Poemas Ingleses de Guerra*, publicada em 1942, ano em que o governo Vargas declarou guerra aos países do Eixo, revela-se uma valorosa fonte de estudo e análise, já que parecia estar justificando ao público-leitor as razões pelas quais o Brasil deveria estar na guerra, através do uso de narrativas comoventes. Renault faleceu em dezembro de 1995, no Rio de Janeiro.[1]

Oscar Mendes nasceu em Recife, no ano de 1902 e viveu em terras mineiras durante o período de 1926, após ter se formado em Direito, até 1996, quando faleceu. Em Minas Gerais, exerceu os cargos de Promotor de Justiça e Juiz Municipal. Foi ensaísta, crítico literário, conferencista, jornalista, professor, orador e tradutor. No exercício da última atividade, ficou conhecido pela sua tradução de *O Corvo*, de Edgar Allan Poe, que foi considerada por Ivo Barroso a melhor entre as muitas já feitas deste conto, entre elas as de Machado de Assis e Fernando Pessoa. Mendes pertenceu à Academia Mineira de Letras e recebeu o Prêmio Machado de Assis, concedido pela Academia Brasileira de Letras, em 1968.

Milton Amado nasceu e viveu durante toda sua vida em Minas Gerais. Natural da cidade Figueira do Rio Doce, hoje denominada Governador Valadares, Amado mudou-se para

[1] Informações retiradas dos sites www.academia.org.br e www.ufmg.br/aem/inicial/publicacoes

Belo Horizonte aos 26 anos. Na capital, trabalhou como redator em O DIÁRIO, além de ter trabalhado em A IMPRENSA OFICIAL, em agências de publicidade e como cronista político no DIÁRIO DA TARDE. Amado realizou muitas de suas traduções em parceria com Oscar Mendes, tendo sido também o co-autor da tradução de *The Raven*. Com relação a este texto, enquanto Mendes preocupou-se em traduzir o seu conteúdo, Amado dedicou-se a dar-lhe uma forma o mais próxima possível do original. O poema foi publicado inicialmente pela Editora Globo, de Porto Alegre, em 1943. Traduziu também *O Doutor Jivago*, de Bóris Pasternaki, *O Dom Quixote* (novamente com Oscar Mendes), de Miguel de Cervantes, *As Fábulas*, de La Fontaine, obras de Saint Hilaire e de Lin Yuntang (BARROSO, 2000, p. 23). Sobre a tradução que Amado realizou de *O Corvo*, Ivo Barroso teceu o seguinte comentário: "Milton conseguiu, em *O Corvo*, alcançar aquele momento com que sonham todos os tradutores de poesia: o da transmigração absoluta do conteúdo e da forma de um poema para o território de sua própria língua, dando-lhe o passaporte de uma nova identidade para uma vida autônoma" (BARROSO, 2000, p. 23).

Para a realização deste estudo sobre a atuação do mineiro Agenor Soares de Moura no contexto tradutório brasileiro, o trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro deles, pretende-se fazer uma compreensão do contexto em que viveu o intelectual barbacenense. Para tanto, foi realizada uma pesquisa acerca do panorama político, econômico e cultural da década de 1940, época que se revelou de grande importância para a tradução no Brasil, pois a indústria editorial no país se desenvolveu consideravelmente nesse período. Tal desenvolvimento, conhecido como o *boom* editorial no Brasil, foi um fator decisivo para que o número de publicações de obras traduzidas aumentasse de forma abundante, o que colocou a tradução em uma posição de destaque no polissistema literário brasileiro. Ainda nesse capítulo, a fim de contextualizar a coluna intitulada "À Margem das Traduções", será traçado um breve relato da história desse importante veículo de notícias. Essa história revela parte das

relações de poder estabelecidas no contexto brasileiro e por este com o cenário político-econômico mundial. Para tanto, serão utilizadas informações recolhidas principalmente do livro *Diário de Notícias*: O Romance de um Jornal, escrito por Celito de Grandi (2005) com o aval da família de Ernesto Corrêa. Será salientada a importância do estado do Rio Grande do Sul para o desenvolvimento da tradução no Brasil através das duas instituições para as quais Moura trabalhou: o DIÁRIO DE NOTÍCIAS e a Editora Globo.

O segundo capítulo pretende mostrar que, a partir de informações retiradas das crônicas de Moura, é possível se obter uma compreensão mais abrangente da vida cultural brasileira na época em que a coluna *À Margem das Traduções* foi publicada no DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Avaliações dos nomes dos tradutores, das editoras, das obras e das línguas-fonte mencionados por Moura em seus textos permitem que seja traçada uma crônica da tradução no Brasil em sua Idade de Ouro (WYLER, 2003, p. 129).

O terceiro capítulo mostra a atuação de Agenor Soares de Moura como crítico e tradutor. Será feito, primeiramente, um estudo do pensamento sobre a crítica de tradução no exterior e no Brasil, a partir da segunda metade do século XX, abordando a crítica desde quando esta era baseada em princípios lingüísticos e chegando até aquela de cunho culturalista. Após ser feito tal estudo, será realizada uma investigação do pensamento crítico de Moura, com a finalidade de realizar uma análise da crítica de tradução de Agenor Soares de Moura. Por fim, será feita uma análise de uma tradução realizada por Moura, a saber, o conto de Sir Arthur Conan Doyle, *The Adventure of the Illustrious Client*, que pertence a uma coletânea de contos do famoso detetive inglês, intitulada *The Case-Book of Sherlock Holmes* (1927). Para esse fim, será feito um cotejamento entre o texto original e a tradução realizada por Moura, *O Ilustre Cliente*, buscando verificar a coerência entre os preceitos defendidos por Moura em suas crônicas e aquilo que colocou em prática como tradutor. O livro no qual se encontra o conto foi publicado no Brasil com o título *Histórias de Sherlock Holmes*.

Espera-se, com este trabalho, contribuir não apenas para uma ampliação dos estudos historiográficos realizados sobre essa importante década da tradução no Brasil, como também para o início de um estudo sobre a atuação de intelectuais mineiros nesse momento e naqueles que o sucederam.

CAPÍTULO 1

A TRADUÇÃO NA DÉCADA DE 1940 E O DIÁRIO DE NOTÍCIAS

Neste capítulo, será traçado um breve panorama histórico da década de 1940 no Brasil. Além de tal estudo permitir uma compreensão mais abrangente do contexto em que Agenor Soares de Moura viveu e atuou como crítico de tradução, ele lança luz sobre um momento histórico de grande importância para a tradução no Brasil, pois, como se verá a seguir, foi nessa década que a tradução passou a ocupar uma posição de destaque no polissistema literário brasileiro. Entre os eventos que contribuíram para tanto, ressalta-se o grande desenvolvimento da indústria editorial brasileira nas décadas de 1930 e 1940.

O presente capítulo também pretende fazer um estudo do veículo para o qual trabalhou Moura durante os anos de 1944 a 1946, isto é, o jornal DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Percebe-se que o DIÁRIO desempenhou um grande papel no Rio Grande do Sul, em um momento que o estado, importante no cenário político e econômico brasileiro, recebia atenção também pela ascensão da Editora Globo, com a valiosa contribuição de Érico Verissimo.

1.1. O DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA EDITORIAL BRASILEIRA

Apesar de a década de 1940 constituir-se o momento de foco principal deste estudo, é importante voltar-se também para a década anterior, de forma que sejam compreendidos, de forma mais abrangente, os importantes acontecimentos que estiveram relacionados à grande atenção que foi dada à tradução nessa época. Ao longo da década de 1930, o mercado editorial brasileiro passou por uma grande expansão. Esse período, conhecido como o do *boom* editorial no país, foi marcado pelo estabelecimento e pelo crescimento de inúmeras editoras e pela criação de setores especializados, tais como de revisão, tradução e ilustração (MICELI, 2001, p. 148). Cita-se, nessa época, como exemplo, a criação das editoras Globo, José Olympio e Livraria Martins. O crescimento que ocorreu então se deveu a uma série de conjunturas políticas, econômicas e culturais pelas quais o Brasil vinha passando, tais como às políticas de incentivo à leitura, ao sucesso que fez o romance entre as camadas populares e

também ao início da influência norte-americana na vida política, econômica, social e cultural do país.

O primeiro fator mencionado fez parte de uma série de atitudes tomadas pelo governo Vargas, durante o Estado Novo, que vigorou entre 1937 e 1945. Ao longo desses anos, houve um grande incentivo à educação, a fim de se obter uma mão-de-obra mais qualificada, já que o governo pretendia diminuir a quantidade de mercadorias importadas e fortalecer o setor industrial no país. Além disso, ficava mais fácil difundir os ideais do novo regime caso houvesse uma parte maior da população alfabetizada, visto que mais de 50% da população era constituída de analfabetos (WYLER, 2003, p. 110). Com a instituição do salário mínimo e de leis trabalhistas, como a estipulação da jornada de trabalho em no máximo 8 horas diárias, tornou-se possível à população se dedicar à educação. Também devido ao fato de os trabalhadores possuírem mais horas de lazer, ocorreu uma ampliação do público-leitor. Nesse contexto, o governo passou a injetar verbas para a publicação de livros didáticos e de ficção, além de traduções de obras inéditas e reedições de obras esgotadas. Da mesma forma, foi responsável pela criação de uma grande quantidade de bibliotecas no país. O Instituto Nacional do Livro (INL), criado em 1937, dedicou-se à publicação daquelas traduções que o órgão julgava ser do interesse da cultura nacional, tendo maior destaque os relatos de viajantes estrangeiros no país durante os séculos anteriores (WYLER, 2003, p. 110 e 111). Com o crescimento do número de leitores provenientes de camadas sociais mais baixas e, conseqüentemente, devido ao surgimento de um novo tipo de público-leitor no país, passou-se a haver um maior interesse nos chamados tipos de literatura "menores", a saber, os romances endereçados ao público feminino, as biografias romanceadas, os livros de auto-ajuda, as histórias de investigação e de aventuras, entre outros. Dessa forma, houve maior necessidade de se aumentar o número de publicações por parte das editoras, ocasionando o já mencionado *boom* editorial no país. Também os Estados Unidos já vinham crescendo política e economicamente de forma considerável, desde a crise de 1929, e tinham a intenção de propagar

seus valores em escala mundial. Assim, faziam ofertas de empréstimo ao governo brasileiro em longos prazos e ofereciam auxílio ao desenvolvimento econômico do país. O governo norte-americano patrocinou a publicação de muitos manuais técnicos e livros didáticos nessa época, o que, sem dúvida, foi decisivo para a importação dos tipos de literatura típicos daquela região.

O Estado Novo também foi marcado pela grande censura no país. O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão criado por Vargas em 1939, com o intuito de orientar a propaganda e censurar as produções intelectuais que pudessem se colocar contra a ideologia do Estado Novo, proibiu a publicação de muitas obras de autores nacionais, além de ter criado um clima de tensão entre os escritores brasileiros, visto que muitos tinham sido presos e tiveram suas obras destruídas. Para evitar problemas com o governo e obter uma fonte extra de renda, em uma época na qual se tornavam menores as chances de se ter uma obra de autoria própria publicada, muitos dos escritores em ascensão nesse período passaram a se dedicar ao exercício tradutório, o que veio a ser útil para as editoras, já que necessitavam de um grande contingente de tradutores para atender à crescente demanda por livros de ficção, oriundos principalmente dos Estados Unidos. Ressalta-se ainda que se tratava de um período no qual ainda não existia a profissionalização do ofício tradutório, o que aumentava a necessidade das editoras de contratar tradutores-escritores para verterem para o português obras estrangeiras. As traduções assinadas por escritores, como Rachel de Queiroz e Monteiro Lobato, também rendiam maior credibilidade a elas, do ponto de vista do público-leitor e eram, ao mesmo tempo, uma forma que esses escritores encontraram de manifestar suas idéias e opiniões de uma maneira mais discreta, sem se tornarem alvo da censura controlada pelo DIP. Muitos intelectuais também nessa época passaram a ocupar postos e cargos no Estado Novo como alternativa à função da produção literária. O governo os contratava a fim de que assumissem tarefas políticas e ideológicas que viessem a atender às políticas culturais do regime Vargas.

Carlos Drummond de Andrade e Rachel de Queiroz foram exemplos de escritores que exerceram alguma função pública dentro do regime.

A eclosão da Segunda Guerra Mundial, em 1939, três meses antes da criação do DIP, acarretou, da mesma forma, mudanças decisivas no panorama brasileiro e mundial. Em primeiro lugar, com a guerra, as importações de livros europeus se tornaram restritas, dando um espaço ainda maior à entrada de livros norte-americanos. Em segundo lugar, quando ela acabou, os Estados Unidos saíram vitoriosos e enriquecidos, o que os consolidou definitivamente como a grande potência mundial, marcando de vez a substituição da importação de bens culturais, antes predominantemente franceses, para os norte-americanos. Com a entrada do Brasil na guerra e, conseqüentemente, sua união com os países aliados, os Estados Unidos aumentaram ainda mais a injeção de verbas no Brasil.

Os eventos acima mencionados contribuíram para que a tradução passasse a ocupar uma posição primária no polissistema literário brasileiro da década de 1940. Segundo Itamar Even-Zohar, em *The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem* (2001), a literatura traduzida constitui um sistema que está inserido no polissistema literário de certa cultura. Cada sistema se encontra em uma posição, alguns ocupando uma posição primária e outros ocupando uma posição secundária. No polissistema literário, as literaturas consideradas não-canônicas são as que ocupam uma posição secundária e tentam constantemente ocupar o lugar primário do polissistema. Já as literaturas canônicas, que ocupam a posição primária dentro do polissistema, tentam se manter nesta posição, gerando, assim, um jogo de forças e uma constante alternância na posição dos sistemas dentro do polissistema. Dessa forma, no contexto do polissistema literário brasileiro, durante a década de 1940, a literatura traduzida ocupou em vários momentos a posição primária, já que o número das publicações de obras traduzidas ultrapassou o de obras nacionais e a tradução tornou-se o maior foco de atenção por parte das editoras e do público-leitor. De fato, os números fornecidos por Sergio Miceli,

em *Intelectuais à Brasileira* (2001), no qual ele menciona que as editoras José Olympio, Globo e Vecchi publicaram no ano de 1943 um número maior de traduções do que de autores nacionais, comprovam tal ocorrência. Por volta de 53% das publicações da editora José Olympio nesse ano foram de livros traduzidos (43 obras traduzidas e 38 obras nacionais); a Globo lançou traduções em uma proporção de 60% para 40% de livros nacionais (41 livros traduzidos contra 27 nacionais) e no ano anterior a porcentagem foi ainda maior, 66% de suas publicações foram obras traduzidas (44 traduções e 24 livros de autores nacionais). Por fim, a Vecchi imprimiu apenas uma obra nacional para cada lote de onze traduções, ou seja, 91% de seus volumes editados tratavam-se de traduções. Nesse período, a Cia. Editora Nacional e a Livraria Martins igualaram o número de obras traduzidas e de obras nacionais por elas publicadas (MICELI, 2001, p. 266).

1.2. A ATUAÇÃO DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS NO CONTEXTO SUL RIO-GRANDENSE

O DIÁRIO DE NOTÍCIAS estava inserido em um contexto de grande importância para a tradução no Brasil. O momento histórico em que se encontrava naquela ocasião passava por relevantes mudanças na indústria do livro. Como já mencionado, devido ao fato de a censura controlar a produção intelectual nacional, as editoras passaram a ver nas traduções a solução para tal problema. Assim, na década de 1940, o número de traduções aumentou consideravelmente. Em 1942, por exemplo, um terço dos romances publicados era endereçado ao público feminino, sendo 62% deles obras estrangeiras. (MICELI, 2001, p.154).

O DIÁRIO DE NOTÍCIAS acompanhava essas mudanças e não é de se surpreender que desse alguma notoriedade às traduções feitas naquele período. Além do momento em que se encontrava, o jornal também se localizava em uma região que (apesar de não estar ocupando uma posição física, social, cultural e politicamente central) tinha grande

importância no cenário nacional, não apenas em termos político-econômicos, como também culturais.

Grande contribuição para tal importância foi a Editora Globo, naquela época já uma das maiores do país em sua linha de atuação. A Editora Globo surgiu como um setor da Livraria Globo, fundada em Porto Alegre, em 1883, por Laudelino Pinheiro Barcellos e Saturnino Alves Pinto, dedicada aos livros, material escolar e material de escritório. Barcellos, procurando inspiração para um novo negócio, durante um passeio pela Rua da Praia, decidiu-se por uma livraria que seria "de Porto Alegre para o Globo"[2]. Inicialmente instalada em uma pequena e antiga casa naquela mesma rua, a empresa prosperou e, em 1924, um edifício totalmente novo foi construído no mesmo local. A empresa continuou sua expansão, chegando a ter então duas novas filiais.

O progresso da Livraria foi visível a partir de 1918, após a entrada na sociedade de José Bertaso, que já trabalhava no estabelecimento desde 1890, quando ainda era um menino. Acompanhando o progresso da cidade, do estado e do país, a empresa continuou a crescer, a modernizar e a aumentar o âmbito das suas atividades. A Livraria do Globo estendeu-se para outros estados do país, com filiais, escritórios e representantes, iniciando as suas atividades editoriais com a publicação de autores sul rio-grandenses, livros didáticos, algumas traduções, o "Almanaque Globo" e a "Revista do Globo". Foi na Revista do Globo que Érico Verissimo começou a sua colaboração com o crescimento da Livraria do Globo.

Nos anos 30, foi criada a Editora Globo, sob o comando de Henrique D'Avila Bertaso. Graças à publicação de muitos trabalhos nacionais e estrangeiros, o prestígio da Livraria do Globo ultrapassou as fronteiras regionais e mesmo nacionais, tornando-se respeitada e reconhecida em muitos países.

---

[2]Informações retiradas do site www.livrariadoglobo.com.br.

Na década de 1940, a empresa tinha filiais em Santa Maria, Pelotas e Rio Grande, escritórios no Rio de Janeiro e São Paulo e representantes em praticamente todas as capitais brasileiras. O investimento em traduções, no início desta década, rendeu à editora prestígio e uma boa posição nas instâncias de consagração do campo literário. A tradução, inclusive, foi uma das maiores contribuições da Editora Globo, publicando traduções de autores como Aldous Huxley, Marcel Proust, Virginia Woolf, Roger Martin du Gard, Thomas Mann, entre outros.

O processo de realização das traduções também era muito criterioso, estando envolvidas no mínimo três etapas: a escolha do profissional através da especialidade lingüística, a aprovação de um conhecedor da língua-fonte e a de um especialista de estilo. O tradutor tinha à disposição uma biblioteca com dicionários e enciclopédias. Essa época foi conhecida como a Idade de Ouro da tradução no Brasil (de 1942 a 1947), pelo fato de a Editora Globo, através de Érico Veríssimo, contratar excelentes tradutores que trabalhavam de forma fixa e com um salário bem remunerado (WYLER, 2003, p.129). O próprio Agenor Soares de Moura veio a trabalhar para a Editora Globo, sendo em 1947 publicada a sua primeira tradução, o primeiro tomo da tetralogia de Thomas Mann, *José e seus irmãos*.

Em 1949, após o falecimento de José Bertaso, a sociedade tornou-se uma sociedade anônima, com a denominação de Livraria do Globo S.A., sob a direção de Henrique D'Avila Bertaso, José Bertaso, Paulo Bertaso, João Pio de Almeida e Dorval Correa da Silva.

Em 1956, houve uma bipartição nas atividades empresariais do grupo. De um lado, a Livraria do Globo S.A. – que levaria à frente setores bem específicos como a Livraria do Globo e Oficinas Gráficas – e de outro, uma nova empresa, a Editora Globo S.A., que continuaria trilhando os caminhos editoriais. Em 1986, ela foi vendida para o grupo de Roberto Marinho.

A Editora Globo foi, portanto, crucial para a notoriedade que o Rio Grande do Sul alcançava na década de 1940. Érico Verissimo também já era considerado um escritor de destaque, inclusive devido ao grande número de traduções que havia realizado, além de seu trabalho como editor na Editora Globo. Nesta, em uma época na qual muitas traduções foram publicadas, era ele quem estipulava a seqüência de tarefas para a edição dos livros, a organização da programação editorial para obras traduzidas, a estratégia da seleção e elaboração dessas publicações. Verissimo também incentivou a publicação de livros de fácil acesso e assimilação para o público consumidor médio, tais como o gênero policial.

Por conseguinte, devido a todos esses fatores acima mencionados, era de se esperar que o DIÁRIO DE NOTÍCIAS dedicasse alguma atenção a traduções, tanto pelo momento em que o país se encontrava, como por estar localizado em uma região de grande produtividade intelectual na época, inclusive de traduções. A seguir, será abordada a história do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, a fim de que se compreenda de forma mais ampla a importância que o jornal teve, não só no contexto sul-riograndense, mas também no panorama político, econômico e cultural do país durante sua existência.

1.2.1. Breve histórico do DIÁRIO DE NOTÍCIAS

O DIÁRIO DE NOTÍCIAS começou a circular em Porto Alegre em março de 1925, ano em que O CORREIO DO POVO completava trinta anos de existência. O DIÁRIO surgiu com ares de modernidade e provocador. Diferente do principal jornal da região, que priorizava pequenos anúncios e o título da principal matéria aparecia tímido em suas três colunas, o DIÁRIO tinha o editorial na capa e três manchetes em seis colunas, mostrando sua vontade de revolucionar a imprensa sul rio-grandense. Essencialmente informativo, era identificado com os rumos do jornalismo no início do século, que pôs fim à fase da imprensa

vinculada à política, com os jornais sendo defensores de programas partidários. Seu fundador era Francisco de Leonardo Truda, que deixou o sólido CORREIO para dirigir o novo jornal.

Na primeira edição, o jornal prometia seriedade na informação e honestidade na crítica. Ainda afirmava que fugiria deliberadamente ao sensacionalismo que, naqueles tempos, freqüentemente era confundido com jornalismo moderno. Garantia também a liberdade de opinião aos colaboradores do jornal.

O DIÁRIO DE NOTÍCIAS tinha a ambição de superar o CORREIO DO POVO. Para isso, contava com a competência do diretor-gerente João Pedro de Moura na área administrativa. Ele vinha da Editora Globo, também de Porto Alegre, e logo tratou de fazer com que o DIÁRIO circulasse em todo o interior do estado, a começar pela Grande Porto Alegre.

Muitos passaram a admirar o novo jornal, pois, acostumados com a sisudez do CORREIO DO POVO, ficaram impressionados com a linha audaciosa do DIÁRIO, inclusive na área publicitária. Seus anúncios eram pouco convencionais, muitas vezes estampando diferentes fontes e ilustrações incomuns. O jornal mostrava claramente que sua única semelhança com o CORREIO era quanto ao formato e ao número de páginas. Além disso, tinha uma coluna dedicada às pequenas questões do cotidiano dos porto-alegrenses, comentando sobre as “pessoas mal-educadas que batem seus tapetes na janela”, reclamando dos chatos e inoportunos, entre outros vários pequenos assuntos (DE GRANDI, 2005, p. 25). A coluna também publicava cartas de leitores, dando um maior destaque a questões urbanas, e, às vezes, chegava a ser irônico, como pode ser observado no trecho abaixo, extraído da edição de 02 de junho de 1925:

> As cervejarias de Porto Alegre resolveram, mais uma vez, aumentar o preço da cerveja e do seu principal derivado – o chope. Essa atitude não deixa de ser patriótica. As fábricas locais da popular e procurada bebida outra coisa não têm em mira, com essa resolução, senão extinguir o regime das carraspanas e bebedeiras e impor o regime da ‘lei seca’, tudo isso com o nobre intuito de salvaguardar os altos e

> palpitantes interesses da nacionalidade, nesta hora de grave perigo por que ela atravessa. Se o feijão, a banha, o arroz, a farinha e a carne são gêneros que estão por um despropósito, porque, então, só a cerveja e o chope haviam de se manter firmes, conservando o preço do ano passado? Infelizmente, enganaram-se no resultado desse respeitável e humanitário sentimento... Quanto mais se proíbe o fruto, mais desejado ele se torna. [...] Daqui por diante, vai aumentar ainda mais a saída da cerveja e do chope. E tão grande vai ser essa saída, que os senhores fabricantes não terão outro remédio, embora isso seja a contragosto de seus sentimentos, senão aumentar outra vez o preço... (DE GRANDI, 2005, p. 25).

Em 1927, o jornalista paraibano Assis Chateaubriand, proprietário da cadeia dos Diários Associados, fez sua primeira tentativa de adquirir o DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Só não o conseguiu pela direta interferência de Oswaldo Aranha, preocupado com eventuais ambições políticas do jornalista, em contraposição aos sonhos de Getúlio Vargas. Ao ser impedido de obter um jornal que circulasse no sul do país, Chateaubriand resolveu tomar outra iniciativa: criar um veículo capaz de atingir todo o território brasileiro. Nasceu assim a revista O CRUZEIRO. Vargas e Chateaubriand tinham na verdade certa aproximação. Na época, Vargas, como ministro da Fazenda, visitava com assiduidade a redação de O JORNAL, do Rio de Janeiro, o primeiro veículo da cadeia dos Associados, e o jornalista também era visto com freqüência na casa de Vargas. Constituía-se essa uma relação turbulenta, por ambos saberem estar no rumo, embora por caminhos distintos, de um mesmo propósito: o poder (DE GRANDI, 2005, p. 29).

O ano de 1927 constituiu-se um ano importante para o DIÁRIO DE NOTÍCIAS: na área internacional publicou uma série de artigos assinados por Benito Mussolini e também iniciou a publicação de uma Página Literária, em que colaboraram grandes nomes, entre eles, Monteiro Lobato. A partir daí, foi decisiva a contribuição do DIÁRIO às artes em geral, destacando-se o amplo debate que promoveu em torno do movimento modernista, até então circunscrito a conversas acadêmicas.

Às vésperas de eclodir a Revolução de 30, Chateaubriand, com a ajuda decisiva de Vargas, formalizou a compra do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, plantando assim raízes no Rio Grande do Sul. Em 1.º de abril de 1931, Ernesto Corrêa, que viria dirigir o DIÁRIO DE NOTÍCIAS ao longo de trinta anos, foi contratado como revisor do jornal; poucos meses depois, ganhou a vaga de repórter.

Após ter ganho a Revolução de 30, Vargas instituiu a censura no Brasil. No final de 1931, Ernesto Corrêa chegou ao cargo de editor de páginas e de cadernos. Em 1935, um ano depois de Getúlio Vargas ser eleito presidente do Brasil através de eleições indiretas, foi nomeado diretor do DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Neste mesmo ano, nasceu a Associação Rio-Grandense de Imprensa, sendo Érico Veríssimo o primeiro presidente e Ernesto Corrêa membro do Conselho Fiscal. Em outubro, o jornal anunciou a Segunda Guerra Mundial e, no decorrer de muitos meses, o tema foi destaque permanente na primeira página do DIÁRIO.

Em 1937, Getúlio Vargas implantou o Estado Novo, passando a agir diretamente no Rio Grande do Sul, e Chateaubriand acabou por aderir às políticas do Estado Novo. O ano de 1940 é marcado por vários acontecimentos: a censura apertou o cerco sobre a imprensa, a polícia invadiu o jornal O ESTADO DE SÃO PAULO e Getúlio instituiu o salário mínimo. O DIÁRIO sentiu, então, a necessidade de dar mais informações sobre a guerra na Europa, passando a publicar uma edição extra toda segunda-feira só sobre o assunto. Também estreou o Jornal Falado do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, às 23 horas, todas as noites, na Rádio Farroupilha, tornando-se um sucesso de audiência.

Em 1942, o Brasil cortou relações com a Alemanha e Itália e, mais tarde, declarou guerra às duas potências. Getúlio também decretou estado de guerra em todo o país e, em outubro, instituiu o cruzeiro como nova moeda monetária. O DIÁRIO tomou partido contra os países inimigos com uma postura agressora.

Três anos mais tarde, a Alemanha se rendeu e chegou ao fim a Segunda Guerra Mundial. O Brasil foi marcado pela campanha de pró-redemocratização, a que os jornais Associados se dedicaram com todo o empenho. O 1.º Congresso Brasileiro de Escritores reclamou liberdade de expressão e diretas para presidente e os jornalistas lançaram manifesto em favor da democracia.

Aqueles que eram a favor de Hitler transferiram seu ódio ao DIÁRIO DE NOTÍCIAS, que comemorava abertamente a vitória aliada. Jornais foram incendiados e o andar térreo do DIÁRIO foi apedrejado, ficando um funcionário ferido.

Vargas anunciou o fim da sua missão e extinguiu o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), organismo criado em 1939 para orientar a propaganda e direcionar a censura em favor do Estado Novo. Em outubro de 1945, foi derrubado pelo movimento militar. Em 1946, com a posse de Eurico Gaspar Dutra na Presidência da República, a imprensa respirou tempos mais tranqüilos. A partir daí, o DIÁRIO atravessou um largo período sem maiores problemas, suas tiragens estiveram em elevação contínua, sua publicidade cresceu e a empresa se tornou cada vez mais lucrativa. Na década de 1950, o DIÁRIO DE NOTÍCIAS conseguiu superar a tiragem do CORREIO DO POVO e tornou-se um dos principais veículos de informação no país. O jornal só veio a ter seu fechamento definitivo em 1979.

CAPÍTULO 2

À MARGEM DAS TRADUÇÕES: UMA CRÔNICA DA TRADUÇÃO NO BRASIL

As crônicas publicadas por Agenor Soares de Moura no DIÁRIO DE NOTÍCIAS, ao trazerem informações sobre autores, editoras, tradutores, temas de livros e línguas-fonte, fornecem subsídios para uma compreensão mais abrangente da situação da tradução no Brasil naquele momento histórico - meados da década de 1940 - e das relações que o sistema de literatura traduzida exercia com o polissistema literário e os demais polissistemas que constituíam a cultura brasileira.

2. 1. OS TRADUTORES

Na tabela abaixo, podem-se ver os nomes dos tradutores que estão incluídos nas crônicas de Agenor Soares de Moura:

Tradutores	**Escritor**	**Tradutoras**	**Escritora**
Acióli Neto		Anita Martins de Souza	
Adonias Filho	X	Corah O. Roland	
Alex Viany	X	Elisa Lynch	
Alfredo Ferreira	X	Ester Mesquita	X
Almiro Rolmes Barbosa		Francisca de Basto Cordeiro	X
Álvaro Costa		Lavínia Vilela	
Álvaro Franco		Olívia Krahenbul	
Aurélio Gomes de Oliveira		Solange	
Azevedo Amaral	X		
Caio Jardim			
Cláudio Barbosa			
Dante Costa	X		
Edgar Cavalheiro	X		
Elói Pontes	X		
Enéias Marzano			
Érico Veríssimo	X		
Frederico dos Reis Coutinho			
Godofredo Rangel	X		
Gustavo Nonnenberg			
Isaac Pascoal			
J. Catoira			
Januário Leite	X		
João Ribeiro	X		
José Alves			
Lauro G. Freitas			
Leonel Valandro			
Lúcio Cardoso	X		
Luiz Guimarães Junior	X		

M. Deabreu			
Manuel Bandeira	X		
Moisés Gikovate			
Monteiro Lobato	X		
Odilo Costa Filho	X		
Oliveira Ribeiro Neto			
Orlando Stamini Duarte			
Oscar Mendes	X		
Pedro Dantas	X		
R. Magalhães Jr.	X		
Tasso da Silveira	X		
Vieira Neto			

Tabela 1 – Tradutores e tradutoras citados em *À Margem das Traduções*

Percebe-se, por exemplo, que a maioria dos tradutores citados por Moura pertence ao sexo masculino: são 48 tradutores mencionados, sendo 40 homens contra apenas 8 mulheres. Entre esses foi possível constatar que 22 são também escritores, dos quais apenas duas pertencem ao sexo feminino, ou seja, por volta de 17% dos tradutores e 9% dos escritores são mulheres. Tais números refletem a realidade brasileira da época: as mulheres ainda não estavam inseridas de forma expressiva no mercado de trabalho, tampouco era comum que fizessem parte do grupo seleto de intelectuais existentes na época. Foi justamente na década de 1940 que a mulher começou a se estabelecer como escritora e tradutora, sendo importante citar o papel que teve Rachel de Queiroz no contexto literário brasileiro. Nascida em 1910, com seu primeiro romance publicado em 1930, destacou-se como escritora e tradutora na década de 1940, conseguindo uma posição respeitável no meio literário e tornando-se uma figura importante para a inserção da mulher em tal contexto. Rachel de Queiroz também chegou a ser colaboradora durante um longo período no DIÁRIO DE NOTÍCIAS, desde que se mudou para o Rio de Janeiro, em 1939[3].

Além disso, vê-se que por volta de 46% dos tradutores citados por Moura eram escritores, incluindo as mulheres. Na década de 1940, a prática da tradução era muito comum

[3] Sobre a prática tradutória de Rachel de Queiroz, ver os trabalhos de Camila Dias e Priscilla P. de Oliveira no âmbito do Bacharelado em Letras – Ênfase em Tradução da Universidade Federal de Juiz de Fora.

entre intelectuais brasileiros, como foi dito no primeiro capítulo, tornando-se para eles mais uma forma de aumentar sua remuneração, ao mesmo tempo em que traduções assinadas por escritores davam maior credibilidade a elas. Como afirma Lia Wyler, em *Línguas, Poetas e Baicharéis*: Uma Crônica da Tradução no Brasil (2003), "até quase a metade do século XX a tradução escrita teve predominantemente o caráter de exercício acadêmico ou prazeroso e de ocupação temporária para as elites intelectualizadas" (p. 51). Um exemplo clássico de escritor-tradutor foi Monteiro Lobato, cujo nome era freqüente na coluna de Moura, chegando este a analisar cinco das traduções do escritor.

Moura, na verdade, acreditava que não competia aos escritores a produção de traduções, mencionando o fato de muitas vezes o escritor emprestar seu nome a uma tradução quando, na verdade, ela foi realizada por outra pessoa. Muitas vezes, segundo Moura, o tradutor só revisou o texto, quando o fez. Tal crítica tem apoio no fato já mencionado de as traduções receberem prestígio por terem sido feitas por escritores, sendo que, no entanto, por se acreditar que eles não tinham tempo para traduzi-las, dizia-se que os mesmos somente assinavam-nas, ganhando algum dinheiro por isso. A desaprovação de Moura pela tradução por parte de escritores é verificável no trecho a seguir, em que ele cita um comentário do escritor mineiro Eduardo Frieiro, cujo primeiro livro fora publicado em 1927: "Tem razão o elegante escritor mineiro, sr. Eduardo Frieiro: 'muitas traduções são confiadas por editores incautos a escritores de nome feito nas letras. Tais traduções costumam ser as piores. Porque para ser tradutor não basta ser bom poeta ou bom romancista'" (MOURA, 2003, p. 32). No entanto, com o "boom" da tradução nas décadas de 1930 e 1940 ocorrido devido à grande importação de livros de ficção, as editoras necessitavam de um grande contingente de profissionais para traduzirem para o idioma português livros estrangeiros, principalmente americanos. A falta de tradutores profissionais inteiramente dedicados a essa atividade fez

com que os escritores viessem a se tornar uma opção natural por parte dos editores para o exercício de tal tarefa.

O fato de vários escritores terem exercido de forma assídua a profissão de tradutores e de, muitas vezes, a qualidade das traduções ter deixado a desejar deve-se, principalmente, à não profissionalização do ofício tradutório na época, já que os cursos universitários especializados na arte da tradução só viriam a existir a partir da década de 1960 (o primeiro curso para tradutores no Brasil foi fundado em 1968, pela PUC do Rio de Janeiro) e pouco se falava sobre técnicas tradutórias ou sobre a responsabilidade do tradutor ao trazer para uma cultura certa obra estrangeira. O primeiro a tecer reflexões sobre o assunto no Brasil foi Paulo Rónai em *Escola de Tradutores*, publicado em 1952. A partir daí, até a década de 1980, o pensamento sobre a tradução no Brasil se deu de forma esporádica (WYLER, 2003, p. 12).

2. 2. AS EDITORAS

As editoras dos livros às quais Moura fez referência são também dignas de observação. A tabela a seguir indica a relação entre as editoras e o número de tradutores a elas pertencentes:

Editora	**Nº. de tradutores**
Casa Editora Vecchi	7
Livraria do Globo	4
Livraria José Olympio	4
Livraria Martins	4
O Cruzeiro	3
Cia. Editora Nacional	3
Edições e Publicações Brasil Ltda.	2
Editora Panamericana S. A.	2
Livraria Acadêmica	1
Hemus Livraria Editora	1
Edições Cultura	1
Guanabara	1
Ministério da Agricultura	1
Anuário do Brasil	1
Editora Ediouro	1
Ocidente	1
Universitária Ltda.	1

Civilização Brasileira Editora	1
Editorial Paulista	1
Irmãos Pongetti	1

Tabela– Relação de editoras e número de tradutores citados por Agenor Soares de Moura

As editoras que tiveram o maior número de tradutores citados foram a Casa Editora Vecchi, seguida da Livraria do Globo, da Livraria José Olympio e da Livraria Martins. Tais editoras, de fato, tinham enorme importância no momento, publicando um grande número de livros, entre eles muitas traduções.

A Livraria do Globo, como foi possível observar no primeiro capítulo, dedicou muitas de suas publicações a traduções. Nesse contexto, Érico Verissimo exerceu um papel fundamental. A partir de 1931, ele passou a dirigir, redigir, ilustrar e paginar a REVISTA DO GLOBO, além de traduzir textos proeminentes principalmente da língua inglesa. Em 1938, Verissimo passou a trabalhar como conselheiro editorial na Editora Globo. Foi nesse contexto que percebeu que a falta de profissionalização dos tradutores e a falta de melhores recursos e condições para a tarefa tradutória contribuíam para que grande parte das traduções publicadas até então fosse de má qualidade. Dessa forma, em 1942, Veríssimo decidiu solucionar o problema contratando inicialmente os tradutores Leonel Vallandro, Juvenal Jacinto, Hervert Caro, Homero de Castro Jobim e Lino Vallandro. Mais tarde, Agenor Soares de Moura também entrou para a equipe, sendo sua primeira tradução publicada em 1947. Todos tinham um salário fixo e trabalhavam na sede da empresa, sem hora ou prazo determinados para entregar a tradução que estavam produzindo. Terminada a tradução, ainda havia um especialista para fazer a revisão, comparando a tradução com o original. Por fim, um outro especialista analisava junto com o tradutor o estilo da obra. Pelo fato de essa ter sido uma época em que os tradutores trabalhavam com remuneração fixa e ótimas condições de trabalho, ela ficou conhecida mais tarde como a Idade de Ouro no Brasil. Tal equipe de tradutores funcionou até 1947, ano em que a Editora Globo dissolveu o grupo de tradutores

para cortar gastos. Veríssimo, portanto, foi de importância crucial para a Editora Globo e possuiu um papel relevante na história da tradução no Brasil, pois, além de ter sido o tradutor de grande quantidade de obras estrangeiras, foi o fundador e coordenador da equipe de tradutores da Livraria do Globo, acompanhando de perto todas as traduções que eram publicadas pela editora na época. (WYLER, 2003, p. 125-129).[4]

A Casa Editora Vecchi foi fundada por uma família de descendentes de italianos, os Vecchi. A editora publicava uma ampla gama de revistas e livros sobre todos os temas, mas tornou-se célebre principalmente por suas edições traduzidas de revistas em quadrinhos.[5]

A editora José Olympio iniciou suas atividades em 1931, especializando-se, em poucos anos, na publicação de autores brasileiros. Entre eles havia muitos escritores que viriam a ser nomes consagrados no Brasil, tais como Jorge Amado, Oswald de Andrade, Murilo Mendes, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos. Além desses, também era comum que a editora se aventurasse na publicação de novos nomes da literatura brasileira. Porém, no final da década de 1930, a José Olympio passou a publicar obras traduzidas, em especial histórias de aventuras, suspense e romance, devido ao sucesso no Brasil que fizeram tais gêneros na época. O próprio José Olympio teceu o seguinte comentário sobre o assunto: "É lamentável dizermos; porém, o gênero policial é o que tem procura certa. Vamos, pois seguir a tendência, iniciando a nossa série policial ainda em princípios de 38" (OLYMPIO citado por WYLER, 2003, p. 112). Com o advento da Segunda Guerra Mundial, o número de traduções passou a ser ainda maior, devido à grande preocupação dos leitores acerca dos acontecimentos globais e também devido à repressão e à censura impostas pelo Estado Novo aos escritores brasileiros. Dessa forma, nos anos 40, a tradução ultrapassou o número de obras nacionais publicadas pela editora, chegando a representar 64% das publicações totais da José Olympio

[4] Para mais informações sobre a Livraria do Globo, consultar o trabalho feito por Camila Dias no âmbito do Bacharelado em Letras – Ênfase em Tradução da Universidade Federal de Juiz de Fora
[5] Retirado do site www.wikipedia.org

no ano de 1946 (HALLEWELL, 1985, p. 372).[6] A José Olympio tinha como seus tradutores diversos escritores que vinham fazendo nome durante este período, incluindo Rachel de Queiroz e Raimundo Magalhães Jr. (WYLER, 2003, p. 112-113). O último foi inclusive citado por Agenor Soares de Moura em uma de suas crônicas por sua tradução do livro de Nina Fedorova, *Isto é um Pedaço da Inglaterra* (*The Family*), publicado pela própria Editora José Olympio.

A Livraria Martins, fundada em 1937 por José de Barros Martins, também publicou na década de 1940 traduções, lançando uma coleção de relatos de viajantes estrangeiros sobre o Brasil. Tais obras foram igualmente traduzidas pelos escritores-tradutores. Entre outros projetos, organizou duas coleções de livros traduzidos, entregando a Edgar Cavalheiro a coordenação da coleção de prosadores estrangeiros já falecidos (WYLER, 2003, p. 114-115). A publicação *As Obras-Primas do Conto Universal*, traduzido por ele, foi objeto de avaliação por Moura em duas de suas crônicas. Em 1974, a Livraria Martins Editora encerrou suas atividades em conseqüência da forte recessão.

Outra editora citada por Moura foi a Cia. Editora Nacional, tendo três de seus títulos analisados. A editora foi fundada por Monteiro Lobato juntamente com Octalles Marcondes em 1924, com a matriz no Rio de Janeiro e uma filial em São Paulo. O primeiro livro publicado, *Meu Cativeiro entre os Selvagens no Brasil*, de Hans Staden, com 300 mil exemplares editados, se esgotou rapidamente. Os livros seguintes publicados pela editora também se tornaram um sucesso de vendas, o que colocou a Cia. Editora Nacional entre as editoras mais importantes do país no período.

A tabela das editoras citadas por Moura pode ser comparada com os números fornecidos por Sergio Miceli, em *Intelectuais à Brasileira* (2001), mostrados no primeiro capítulo, no qual ele menciona o fato de que muitas editoras passaram a publicar um grande

[6] Para mais informações sobre a Editora José Olympio, consultar o trabalho feito por Priscilla P. de Oliveira no âmbito do Bacharelado em Letras – Ênfase em Tradução da Universidade Federal de Juiz de Fora

número de traduções, estas chegando muitas vezes a superar o número de obras nacionais publicadas. Tal aumento se deveu principalmente à importação de valores e de gêneros literários oriundos da cultura norte-americana (MICELI, 2001, p. 185). Os números fornecidos por Miceli novamente comprovam a passagem da tradução para uma posição primária no contexto do polissistema literário brasileiro.

2. 3. AS OBRAS E AS LÍNGUAS-FONTE

Através de uma categorização das línguas-fonte das obras traduzidas que Moura analisou, é possível observar a mudança de língua de importação no Brasil, sacramentada pela prática tradutória da década de 1940.

Autor	**Título traduzido**
Aldous Huxley	*Contraponto* e *Visionários e precursores (Do what you will)*
C. Hoffmann	*Ainda serás minha (Somewhere I'll find you)*
Charles Dickens	*Morrer por ela* e *A queda da Bastilha (A tale of two cities)*
Daphne du Maurier	*Rebeca*
Earl Derr Biggers	*O camelo preto (The black camel), Atrás da cortina, A casa sem chaves, O guardião das chaves, O papagaio chinês (The chinese parrot), O ladrão de diamantes (Charlie Chan carries on)* e *Seven keys to Baldpate*
Éden Philipotts	*O ananás de ferro*
Edgar Allan Poe	*Contos*, ex: *The gold bug*
Elinor Glynn	*Tudo se paga (The price of things)*
Elizabeth Barret Browning	*Sonetos da portuguesa* (*Sonnets from the Portuguese*)
Ellen Glasgow	*Nascida para o mal (In this our life)*
Emily Bronte	*Morro dos ventos uivantes (Wuthering Heights)*
Etta Shiber	*Paris subterrâneo (Paris-underground)*

Autor	Título traduzido
Frank Harris	*Oscar Wilde: sua vida e confissões*
George Stewart	*Tempestade (Storm)*
George Weller	*Silêncio em Singapura*
H. G. Hudson	*Verdes moradas (Green mansions)*
H. G. Wells	*O homem invisível (Invisible man)*
H. Van Loon	*História do oceano pacífico, O mundo em que vivemos* e *A vida e a época de Rembrandt*
Harold Lwython	*Skyways to Berlim (Nosso alvo é Berlim)*
J. Redding	*Skyways to Berlim (Nosso alvo é Berlim)*
James Hilton	*Adeus mr. Chips* e *Na noite do passado (Random Harvest)*
Jan Struther	*Flor de esperança (Mrs. Miniver)*
Jane Austen	*Orgulho e preconceito (Pride and prejudice)*
John Steinbeck	*Noite sem lua* (*The moon is down*)
Kathleen Windsor	*Entre o amor e o pecado (Forever amber)*
Kipling	*The light that failed*
Lloyd C. Douglas	*O manto de Cristo (The robe)*
Louis Bromfield	*O romance de Anna Bolton (What became of Anna Botton)*
Margaret Mitchell	*E o vento levou (Gone with the wind)*
Nina Fedorova	*Isto é um pedaço da Inglaterra (The family)*
Oscar Wilde	*Lord Arthur Savile's crime, O fantasma de Canterville, O rouxinol e a rosa* e Contos e estudos literários
Theodore Roosevelt	*Nas selvas do Brasil (Through the Brazilian wilderness)*
Thomas Mann	*A morte em Veneza*
Upton Sinclair	*O fim do mundo (World's end)*
W. Somerset Maugham	*Histórias dos mares do sul* e *Um gosto e seis vinténs (The moon and sixpence)*
Webb Miller	*E eu não encontrei a paz*
Will Durant	*História da filosofia*

Autor	Título traduzido
William Saroyan	*A comédia humana*

Quadro 1 - Autores de língua inglesa cujas traduções dos livros foram resenhadas

Autor	Título traduzido
Alexandre Dumas	*A boca do inferno*
Anatole France	*O sr. Bergeret em Paris, O anel de ametista, A ilha dos pingüins* e *As sete mulheres do Barba Azul*
André Maurois	*Arte de viver (Un art de vivre)*
Colette	*A ingênua libertina*
De Stael	*Corina ou a Itália (Corinne)*
Dimitri Merejkovas	*Napoleão*
Ernest Renan	*Páginas seletas*
Funck Brentano	Biografia de Lutero
Henri de Rock	*As grandes cortesãs*
Ilya Ehrenbug	*A queda de Paris*
Robert de Traz	*A família Brontë (Une famille hantée para le génie)*

Quadro 2 - Autores de língua francesa cujas traduções dos livros foram resenhadas

Autor	Título traduzido
De amicis	*Coração (Cuore)*

Quadro 3 - Autores de língua italiana cujas traduções dos livros foram resenhados

Autor	Título traduzido
Jacob Wassermann	*Gaspar Hauser*
Schopenhauer	*A sabedoria da vida (La sagesse dans la vie)*

Quadro 4 - Autores de língua alemã cujas traduções dos livros foram resenhados

Autor	Título traduzido
José Ortega y Gasset	*La rebelión de las masas*

Quadro 5 - Autores de língua espanhola cujas traduções dos livros foram resenhados

Percebe-se pelos quadros acima que a maioria das traduções criticadas por Moura é feita a partir do original em inglês: são 38 autores de língua inglesa, 11 de língua francesa, dois de língua alemã e apenas um autor de língua espanhola e italiana; ou seja, aproximadamente 71,5% dos autores citados por Moura são provenientes de culturas de língua inglesa, 22,5% de língua francesa e somente 6% são autores das línguas restantes. Dessa forma, conclui-se que, em meados da década de 1940, o francês já havia dado seu lugar para o inglês como língua de cultura no Brasil.

Os livros de aventuras, romances policiais, histórias de amor, biografias romanceadas, etc. – chamados de gêneros "menores" – faziam um grande sucesso entre o público-leitor na década de 1940 e se tornaram um investimento rentável para os editores no Brasil (MICELI, 2001, p.147). A preferência por esses gêneros tem explicação no fato de que a população pertencente às classes mais baixas passou a ter maior acesso à leitura – devido à queda da taxa de analfabetismo – como já foi mencionado no capítulo "O DIÁRIO DE NOTÍCIAS e a tradução na década de 1940". Por esse tipo de literatura ser proveniente da cultura norte-americana, a propensão para a entrada de livros daquele país no Brasil tornou-se grande. Concomitante a isso, a Segunda Guerra Mundial eclodiu e, em 1942, o Brasil se uniu aos aliados, passando assim a surgir maiores restrições às importações vindas do continente europeu (WYLER, 2003, p. 111). Somando-se a esses fatores, após a crise de 1929 e as conseqüências que vinham surgindo da guerra, os Estados Unidos passaram a ocupar uma posição dominante no contexto do sistema capitalista global, o que foi determinante para a substituição da predominância da língua de cultura francesa para a inglesa (MICELI, 2001, p.147). Observa-se pois que essa preponderância de textos da língua inglesa ocorrida a partir da década de 1940 e, conseqüentemente, no período em que Agenor Soares de Moura escreveu para o DIÁRIO DE NOTÍCIAS, deu-se em função de uma mudança proveniente das

relações estabelecidas pelo Brasil em um contexto global, devido a acontecimentos ocorridos no âmbito nacional e mundial, e não de forma aleatória.

As traduções indiretas também eram recorrentes nas publicações: Moura cita o francês e o espanhol como os idiomas indiretos mais utilizados para tais publicações. Segundo ele, traduções como essas são as mais sujeitas a incorrerem a “inexatidões” e “erros” de interpretação, como afirma reiteradas vezes Moura, pois há sempre uma redução do conteúdo significativo, já que são feitas a partir de outras traduções em outras línguas e não a partir do texto original. Lia Wyler também compartilha da mesma opinião, como é possível observar no trecho abaixo em que ela comenta sobre os tradutores na década de 1930, quando a língua principal a partir da qual se traduzia era o francês:

> O único problema era que a maioria só conhecia francês e, alguns, inglês, e com isso as obras de autores de línguas de menor difusão, como o russo, acabavam sofrendo as conseqüências das traduções que as mediavam e que já continham os cortes e acréscimos próprios daquelas culturas. Da tradução através do francês, não escapou nem Rudyard Kipling, cujo tradutor, Agripino Grieco, confundiu *bûcher* com *boucher* e acabou mobilizando uma aldeia indiana inteira até o carniceiro para um churrasco incomum (WYLER, 2003, p. 113).

CAPÍTULO 3

A CRÍTICA E A PRÁTICA DE TRADUÇÃO DE AGENOR SOARES DE MOURA

3. 1. A CRÍTICA DE TRADUÇÃO

A crítica de tradução é um assunto polêmico entre teóricos e estudiosos da área tradutória. Discute-se ainda hoje qual seria a melhor forma de realização da crítica, quem seria melhor capacitado para fazê-la e baseada em que critérios se poderia julgar ou avaliar uma tradução. O maior motivo para a insatisfação por parte de tradutores e teóricos da área, no que concerne à crítica de tradução, é devido aos fatos de que muitas delas não se baseiam em critérios fundamentados em uma teoria ou explicação sólida; não se dão ao trabalho de comparar o texto original com o texto em questão; fazem julgamentos sem questionar os motivos pelos quais o tradutor tomou determinada decisão. Problemas como esses são recorrentes, o que levou muitos a pensarem em como seria uma crítica de tradução satisfatória.

Neste capítulo, serão abordados momentos importantes do pensamento sobre a crítica de tradução no exterior e no Brasil a partir de meados do século XX. Esse pensamento foi construído, fundamentalmente, por pensadores e teóricos da tradução que, apesar de não terem a crítica tradutória como alvo principal de seus estudos, acabaram por alterar o modo como se enxergava e fazia crítica até então. É válido referir-se, entre outros, ao esboçado por Lawrence Venuti, que será abordado neste capítulo. No entanto, houve quem se especializou no estudo da crítica da tradução, formulando teorias e hipóteses para se estabelecer critérios mais sérios para a prática da mesma. Foi esse o caso de Katharina Reiss, cujo livro *Translation Criticism*: The Potentials & Limitations (2000), é inteiramente dedicado ao assunto, como se verá a seguir.

3. 1. 1. A crítica de base lingüística

Naturalmente, o modo como se enxergava a tradução e o seu papel na sociedade foi um fator determinante para definir como se deveria fazer a crítica do trabalho tradutório.

Assim, quando a tradução foi encarada como um fenômeno principalmente lingüístico, a partir da segunda metade do século XX, tendo Georges Mounin (1963) como um de seus principais teóricos, também a crítica foi construída através dos mesmos princípios. Nesse contexto, estudava-se a possibilidade de a tradução ser teoricamente impossível, devido ao conceito humboldtiano e neo-humboldtiano de que "cada língua se constitui em um recorte a tal ponto específico e diferenciado da realidade que as línguas são incomutáveis entre si" (LADMIRAL citado por PAES, 1990, p. 111), o que provou não ser possível a existência de equivalentes perfeitos no processo de tradução. Porém, ainda assim, tal teoria não abalou a continuidade e prática dos processos tradutórios, pois como disse Galileu: "e no entanto se traduz" (PAES, 1990, p. 111).

No contexto da crítica de tradução, preocupava-se principalmente em comparar se o uso de termos lingüísticos na tradução correspondia corretamente àqueles usados no original. Ora, sabe-se que é impossível encontrar equivalentes perfeitos para cada uma das palavras existentes em um texto, daí o famoso lema *traduttore traditore*, empregado por – e não só – críticos, ao afirmarem que tal tradutor "traiu" o texto original. Apesar de Mounin afirmar que "a tradução é primeira e universalmente uma operação lingüística", ele ainda assim admite que "ela nunca é só e exclusivamente uma operação lingüística" (MOUNIN citado por REISS, 2000, p. 51, minha tradução). Mesmo assim, durante esse período, a crítica de tradução se limitava a analisar erros e acertos lingüísticos, assim como apontar as "falhas" cometidas pelos tradutores.

3. 1. 2. A crítica textual

Um outro momento da crítica de tradução ocorreu quando a tradução saiu do campo lingüístico e passou a atingir também o nível textual. Dessa forma, todo o texto teria que ser levado em consideração tanto na hora de se traduzir quanto para avaliar o trabalho feito.

Outras questões também passaram a ser levadas em conta, tais como o estilo do autor, a época em que foi escrito, o público-alvo da obra traduzida. Tendo-se em mente o contexto tanto da obra original quanto o da traduzida, a crítica tornou-se mais rica e precisa. O crítico, ao invés de julgar de acordo com seus parâmetros aleatórios, passou a analisar as escolhas feitas pelo tradutor, procurando saber o porquê de tais escolhas e, a partir daí, comparando a tradução com o texto original, fazendo suas avaliações, sem utilizar conceitos previamente estabelecidos. A esse novo tipo de crítica Katharina Reiss, no já citado *Translation and Literary Criticism* (2000)[7], chamou de crítica objetiva: "a tradução específica e individual e o resultado desse processo deveriam ser avaliados de acordo com critérios relevantes e objetivos. Somente dessa forma será possível que uma prática mais ou menos espontânea de crítica de tradução encontre o padrão de uma crítica de tradução objetiva" (p. 4).

Ela explica, então, o que quer dizer com crítica "objetiva": "objetividade significa ser verificável ao contrário de arbitrário e inadequado. Isso significa que toda crítica de uma tradução, positiva ou negativa, precisa ser definida explicitamente e verificada através de exemplos. O crítico deveria também abrir-se para outras opções subjetivas. Em uma crítica negativa, o crítico deveria tentar descobrir o que levou o tradutor a cometer o (suposto) erro" (p. 4).

Reiss, assim, acredita que uma tradução objetiva seria muito mais enriquecedora, trazendo à tona questões importantes, oferecendo sugestões e alternativas a certas passagens e mostrando argumentos para o motivo de a avaliação final da tradução ter sido positiva ou negativa. Isso evitaria também julgamentos errôneos ou simplesmente baseados em uma opinião pessoal.

Sobre o assunto, Reiss ainda ressaltou que, em uma crítica de tradução construtiva, há o desafio de oferecer outras alternativas para soluções que foram rejeitadas (p. 5). Também

[7] Todas as traduções de REISS (2000) serão feitas pela autora da presente monografia.

apontou reiteradas vezes para a importância de se ter o original em mãos, como é possível se verificar no exemplo abaixo:

> [...] para o crítico fazer um julgamento apropriado e balanceado de uma tradução, não só o trabalho do tradutor precisa ser caracterizado, mas também precisa ser constantemente comparado com o original "em todas suas particularidades", fazendo uma "compreensão geral" do trabalho original do autor [...]. Essa consideração é a base da máxima que enfatizamos [...] como um requerimento básico: não há crítica sem uma comparação com o original! Esse processo de comparação é indispensável para um julgamento balanceado (p. 9).

Reiss enfatizou esse princípio da comparação até pelo fato de que muitas vezes a inadequação apontada pelo crítico na tradução pode não partir desta última, mas sim do texto original:

> Em qualquer caso, tradutores provavelmente vão partir do princípio de que críticos deveriam considerar como uma pressuposição evidente por si própria a de nunca fazer um julgamento sem antes consultar o original. Há muito tem sido uma prática comum entre alguns que se proclamam críticos de tradução a de examinar somente a versão traduzida e culpar o tradutor ao invés do autor, quando o tradutor fielmente reproduziu todas as falhas do original (p. 65).

Ela afirmou que os casos em que não seria necessário fazer uma comparação para julgar uma tradução são aqueles onde a tradução causa estranheza e possui expressões artificiais ou inconsistências na língua-meta, pois tais problemas surgem do fato de o tradutor não dominar completamente sua língua materna e de não escrever bem.

Uma crítica textual também não se limita a pequenos erros de tradução de palavras isoladas, mas leva em consideração se o tradutor como um todo foi fiel à intenção do autor original, o que também só pode ser verificado através da comparação entre os dois textos. Dessa forma, a crítica deveria começar por observar o tipo de texto de que se trata,

considerando os fatores lingüísticos e não-lingüísticos, essenciais para o processo de tradução (p.16).

O tipo de texto influencia a escolha do método utilizado para tradução, as prioridades do que será preservado na língua-meta e os elementos lingüísticos que deverão ser considerados no texto (p. 27). Para Reiss, é importante analisar o tipo de texto do original tanto durante o ato da tradução como também para se fazer a crítica. Desse modo, ela propôs uma categorização da tipologia de textos para tradutores, dividindo-os em quatro tipos: o texto focado no conteúdo (*content-focused text*), o texto focado na forma (*form-focused text*), o texto focado no apelo (*appeal-focused text*) e o texto de áudio-mídia (*audio-medial text*). O primeiro teria como exemplos reportagens de jornal, correspondências comerciais, tratados, documentos oficiais, teses, literaturas especializadas, entre outros (p. 27). Sua principal preocupação seria com a situação ou evento sobre a qual tratam ou comentam e a língua-meta é a que domina, já que o conteúdo informacional é o mais importante (p. 29-31). Os textos focados na forma seriam basicamente textos literários, nos quais os elementos formais são os mais importantes. Dessa forma, é necessário que se consiga atingir na tradução um efeito estético similar àquele contido no original. Isso pode ser feito criando equivalentes através de novas formas. Por isso, esse tipo de texto é orientado por aquele da língua-meta, já que sua forma tem prioridade para a tradução (p. 31-33). O importante no texto focado no apelo não é o seu conteúdo informacional, mas sim o objetivo não-lingüístico da mensagem: a reação que provoca em seus leitores ou ouvintes, fazendo com que eles desenvolvam uma ação específica. O melhor exemplo desse tipo de texto é a propaganda. Como o que importa para a tradução de tal texto é que ele cause o mesmo efeito que foi conseguido no original, o tradutor tem maior liberdade para mudar seu conteúdo e forma. O crítico então não poderia criticar alterações feitas do original, já que esse não é o objetivo maior do texto (p. 38-41). Por último, o texto de áudio-mídia é aquele que usa qualquer meio não-lingüístico para se

comunicar com o ouvinte, na língua-meta ou alvo. Nesse tipo de texto, o importante é manter o mesmo efeito do original, podendo o tradutor se distanciar ainda mais da forma e do conteúdo da língua-meta que o texto focado no apelo. Ter consciência disso é fundamental para que o crítico faça uma boa avaliação do texto (p. 43-47).

Como é impossível preservar todos os elementos do texto original em uma tradução, Reiss ressaltou ainda que a avaliação de uma tradução não deveria focar em um único aspecto do texto, como freqüentemente se vê. Daí a importância de se definir o tipo de texto ao se fazer uma crítica, já que seria possível avaliar o quanto o tradutor conseguiu atingir os critérios realmente relevantes daquele texto (p. 47).

Reiss chamou atenção para os elementos semânticos, lexicais, gramaticais e estilísticos do texto. Os elementos semânticos são importantes para que se tenha equivalência. O crítico precisa examiná-los, já que são esses elementos que preservam o conteúdo e significado do texto original e é onde se pode ver claramente qual a intenção do autor. Os elementos lexicais mostram adequação. O crítico deve observar se o tradutor lidou com terminologias técnicas, expressões idiomáticas, “falsos amigos”, homônimos, palavras intraduzíveis, nomes, metáforas, jogos de palavras, provérbios, etc. de maneira satisfatória. Os elementos gramaticais devem ser avaliados de acordo com a precisão. Nesse caso, a prioridade está na morfologia e sintaxe da língua-meta. Quanto aos elementos estilísticos, o crítico precisa decidir se o texto na língua-meta exibe completa correspondência. Para isso, é necessário observar se a tradução leva em consideração diferenças como registro coloquial, padrão ou formal; se o uso é individual, contemporâneo ou padrão; ou se, em aspectos estilísticos particulares, expressões criativas do autor desviam da forma padrão de linguagem. Segundo Reiss, somente se houver uma verdadeira compreensão e interpretação desses elementos no texto, é que a tradução consegue preservar o significado do texto original (p. 53-66).

Reiss atentou para o fato de que se não for prestada muita atenção aos determinantes extralingüísticos, a tradução será inevitavelmente insatisfatória, já que eles afetam as formas lingüísticas. Dessa forma, ela afirmou que as sentenças são o microcontexto, os textos, o macrocontexto, e as situações são os fatores extralingüísticos que constituem o *contexto situacional*, tendo todos que ser levados em consideração. Ela confirmou a importância de tais determinantes no trecho abaixo:

> É evidente que uma avaliação compreensiva considerando todos os fatores que influenciam uma tradução é impossível se o crítico considerar somente exigências particulares de cada tipo de texto e os elementos distintivos de cada língua. Freqüentemente o último só pode ser conclusivamente interpretado se o contexto lingüístico for avaliado sob a luz de seu contexto situacional. Em outras palavras, o crítico precisa levar em consideração o efeito de determinantes extralingüísticos na forma lingüística do texto original assim como o tradutor também precisa ao fazer a tradução (p. 86).

Deve-se, da mesma forma, observar outras variações, tais como quando o público-leitor alvo da tradução é diferente daquele do original. O crítico precisa então adequar a intenção da tradução entre os critérios para sua avaliação (p.89).

Diferente de quando a crítica da tradução fazia avaliações baseadas em fatores na sua maior parte lingüísticos, uma crítica que se baseia nos vários fatores acima citados não poderia julgar uma tradução “boa” ou “má”, “correta” ou “falsa”, pois, além disso, é preciso observar que a habilidade interpretativa e a personalidade do tradutor e do crítico também são fatores fundamentais para o resultado da tradução e da crítica. Nas palavras de E. A. Nida, “uma pessoa não pode, portanto, afirmar que certa tradução é boa ou má sem levar em consideração uma série de fatores, que por sua vez precisam ser pesados de diferentes formas, com apreciavelmente diferentes respostas. Conseqüentemente, sempre haverá uma variedade de respostas válidas à pergunta: ‘Esta é uma boa tradução?’” (NIDA citado por REISS, 2000, p. 92).

Reiss acredita que é fundamental que críticos não assumam o papel de juízes. Eles devem fornecer não só as razões de suas avaliações, sejam elas positivas ou negativas, como também, no final, soluções, sempre que um julgamento negativo for feito. Devem-se também eliminar da crítica tradutória afirmações tais como "traduzido soberbamente", "traduzido de forma estranha", "uma tradução harmoniosa", etc., assim como expressões como "falsa" e "verdadeira" (p. 108-109).

Dessa forma, Reiss conclui que uma crítica tradutória objetiva só o é quando condições subjetivas também são levadas em consideração.

3. 1. 3. A crítica culturalista

Um outro momento da crítica de tradução ocorreu com a virada cultural do pensamento teórico sobre tradução. Lawrence Venuti em seu livro *The Translator's Invisibility*: A History of Translation (1995)[8] criticou o modo como as traduções tinham sido feitas até então no contexto anglo-americano: traduções fluentes, transparentes, que não causavam estranheza aos leitores da língua-meta, dando a impressão de que o que se estava lendo não se tratava de uma tradução, vinda de um outro país com uma língua e cultura estranhas àquele público. Os parâmetros de julgamento da qualidade dessas traduções, nesse momento, se pautaram exatamente naqueles que as condicionaram. A tradução era vista como Norman Shapiro a descreveu: "como a tentativa de produzir um texto que seja tão transparente que não pareça que tenha sido traduzido. Uma boa tradução é como uma vidraça. Você só nota que está lá quando há pequenas imperfeições – arranhões, bolhas. Idealmente, não deveria haver nenhuma. Ela nunca deveria chamar atenção para si mesma" (SHAPIRO citado por VENUTI, 1995, p. 1).

Porém, Venuti mostrou ter uma opinião diferente sobre o assunto:

---

[8] Todas as traduções de VENUTI (1995) serão feitas pela autora da presente monografia.

> A ilusão da transparência é um efeito do discurso fluente, da tentativa do tradutor de garantir uma fácil leitura ao aderir um uso corrente, mantendo uma sintaxe contínua, dando um significado preciso. O que é tão notável aqui é que tal efeito ilusório esconde as numerosas condições sob as quais a tradução foi feita, a começar pela crucial intervenção do tradutor no texto estrangeiro. Quanto mais fluente a tradução, mais invisível o tradutor e, como se pode presumir, mais visível o autor ou o significado do texto estrangeiro (p. 1-2).

Segundo Venuti, no contexto anglo-americano, sobre os quais ele falou especificamente no livro, isso se torna visível a partir da leitura de resenhas literárias em jornais e periódicos. Nos últimos cinqüenta anos, tem sido uma prática constante por parte dos críticos louvar a fluência em traduções e condenar desvios que chamam maior atenção para o texto estrangeiro em si, mesmo quando as mais diferentes obras são consideradas. Muitas vezes, os comentários acerca da tradução são focados apenas no estilo. Dessa maneira, acabam por ser negligenciadas outras possíveis questões, tais como exatidão, o público-alvo, seu valor econômico no mercado livreiro atual, sua relação com as correntes literárias do idioma da língua-meta, seu lugar na carreira do tradutor, entre outras (p. 2).

Venuti esclareceu que esses tipos de traduções fluentes, às quais ele também chama de domesticantes, impedem o encontro entre duas culturas, a aprendizagem com o outro, o diferente, e criticou Eugene Nida por defender tais tipos de traduções, pois elas parecem "menos uma troca de informação do que uma apropriação de um texto estrangeiro para propósitos domésticos" (p. 21-22). Portanto, diferente de Reiss, Venuti acredita que traduções que causam uma sensação de estranheza no leitor e que possuem expressões aparentemente artificiais podem vir a ser enriquecedoras, pois chamam a atenção para o texto estrangeiro em si, não tentando ocultar o fato de que se trata de uma obra vinda de outro lugar, com uma cultura, língua e costumes diferentes daquela. Como afirma o tradutor J. M. Cohen, as traduções domesticantes causam “o risco de reduzir estilos individuais de autores e marcas

nacionais de discurso para se ter uma prosa clara e uniforme" (COHEN citado por VENUTI, 1995, p. 6).

Um problema mais grave seria que as culturas anglo-americanas - incentivadas pelas editoras britânicas e americanas que lucram ao imporem seus valores culturais sobre um vasto público estrangeiro e que, ao mesmo tempo, incentivam traduções domesticantes em seus países – tornaram-se agressivamente monolíngües, não receptivos ao estrangeiro, acostumados a traduções que colocam seus próprios valores em obras estrangeiras, dando assim aos leitores a experiência narcisística de reconhecerem sua própria cultura em uma cultura outra (p. 15-16). Esses tipos de traduções que dão a ilusão de transparência refletem o modo como as culturas anglo-americanas se relacionam com outras culturas. Enquanto são extremamente imperialistas no exterior, em seu país se revelam ao mesmo tempo xenofóbicas e etnocêntricas (p. 17).

Além disso, a situação do tradutor também se torna bastante insatisfatória, já que, como ele parece invisível aos olhos do leitor, isso contribui para que ele fique em uma posição de marginalidade cultural e exploração econômica, pois seu trabalho não é devidamente reconhecido, apesar de indispensável devido à dominação da cultura anglo-americana e da língua inglesa (p. 16-17).

Venuti, assim como Reiss, defendeu que a tradução não pode ser julgada de acordo com a noção de erro lingüístico, até porque tais parâmetros de erro, fidelidade e liberdade variam de acordo com o momento histórico, cultural e social em que uma tradução específica foi produzida (p. 18). É importante, assim, considerar o poder que a tradução tem na construção de identidades nacionais. O modo como a tradução é feita, a própria escolha de se produzir aquela tradução específica, a forma como é publicada, criticada e ensinada têm um papel fundamental na manutenção e revisão dos cânones na cultura da língua-meta (p. 19). Daí a importância de se perceber se as traduções são domesticantes ou estrangeirizantes, pois

tal escolha por parte do tradutor e daqueles que patrocinam seus trabalhos têm papel importante no contexto cultural para o qual se destinam. A tradução domesticante se apropria de culturas estrangeiras para que estas se moldem aos assuntos domésticos, culturais, econômicos e políticos da cultura de língua-meta, dando a falsa impressão de homogeneidade e alimentando o etnocentrismo daquela cultura. Uma tradução estrangeirizante, ao contrário, é aquela que parece estranha no lugar onde chega, que desvia das normas locais, que exclui os cânones da cultura de língua-meta, usando um discurso marginal e fazendo com que o leitor saia de sua cultura para ir em outra, ressaltando conseqüentemente as diferenças culturais (p. 20). O objetivo de defender a tradução estrangeirizante é, como afirma Venuti, "desenvolver uma teoria e prática que resista aos valores culturais dominantes da língua-meta, bem como mostrar a relevância da diferença cultural e lingüística do texto estrangeiro" (p. 23).

Venuti acredita que a estrangeirização pode mudar o modo como a tradução é lida e produzida, pois assume um conceito de subjetividade humana muito diferente das suposições humanistas que se encontram escondidas sob a domesticação. No método de leitura humanista, as descontinuidades do texto ficam escondidas, utilizando-se de valores da cultura de língua-meta e enfatizando a inteligibilidade e a comunicação transparente. Se, por outro lado, prevalecesse um método de leitura sintomática, que "localiza as descontinuidades no nível da dicção, da sintaxe ou do discurso, o que revela ser a tradução uma violenta reescritura do texto estrangeiro, uma intervenção estratégica na cultura de língua-meta, ao mesmo tempo dependente e abusiva de valores domésticos" (p. 24-25), tal tipo de leitura poderia ser útil para desmistificar a ilusão que se tem de transparência nas traduções contemporâneas de língua inglesa.

Venuti ressaltou que as traduções estrangeirizantes não deixam de ser, assim como em qualquer tradução, igualmente parciais na interpretação do texto estrangeiro; a diferença estaria no fato de que, enquanto estas mostram a sua parcialidade, as traduções domesticantes

tentam escondê-las (p. 34). Venuti enfatizou que uma leitura sintomática não iria banir de vez idéias de liberdade ou erro na tradução, mas mostraria que tais noções variam de acordo com o cânone e seu conceito de exatidão. Tal cânone, é válido notar, é culturalmente específico e historicamente variável (p. 37). A leitura sintomática é, portanto, fundamentalmente historicista, em contraposição à leitura humanista:

> A leitura sintomática é uma abordagem historicista aos estudos da tradução que visa situar os cânones de exatidão em seus momentos culturais específicos. Categorias críticas como “fluência” e “resistência”, “domesticante" e “estrangeirizante” somente podem ser definidas através da referência à formação de discursos culturais em que a tradução é produzida e na qual certas teorias e práticas da tradução são mais valorizadas que outras. Ao mesmo tempo, entretanto, aplicar tais categorias críticas no estudo das traduções é anacronista: elas são fundamentalmente determinadas pelas prioridades culturais e políticas no presente, uma oposição à dominância contemporânea de discurso transparente, ao privilégio dado ao método domesticante e fluente que mascara tanto o trabalho do tradutor como as relações assimétricas – culturais, econômicas e políticas – entre as nações de língua inglesa e os outros países do mundo. Apesar de a teoria e a prática humanista serem igualmente anacrônicas, inserindo no texto de língua estrangeira valores domesticantes atuais, elas também são não-historicistas: as várias condições dos textos traduzidos e sua recepção são escondidos por trás de conceitos de subjetividade transcendental e comunicação transparente. Uma leitura sintomática, em contraste, é historicista: ela assume um conceito de subjetividade determinada que expõe tanto a violência etnocêntrica da tradução como a natureza do interesse de sua própria abordagem historicista (p. 38-39).

Através da leitura sintomática, a crítica de tradução se coloca em uma posição bem distinta das anteriores. Uma avaliação sintomática envolveria analisar a cultura e o momento histórico em que uma específica tradução foi produzida e quais eram os cânones e valores inseridos em tal produção; quais eram as teorias e práticas tradutórias do lugar e época, qual o objetivo do texto na cultura da língua-meta, qual o seu papel na formação de discursos culturais naquele contexto e qual a sua relação com o tempo presente.

3. 1. 4. O entre-lugar da crítica de José Paulo Paes

Também no Brasil foram feitos alguns estudos no que concerne à crítica tradutória. José Paulo Paes considerou o assunto em seu trabalho *Tradução: A Ponte Necessária* – Aspectos e Problemas da Arte de Traduzir (1990). Nele, Paes afirmou que a crítica possui duas vertentes: a analítica ou interpretativa e a judiciativa ou decisória. Falando especificamente da crítica de tradução, Paes lamentou o fato de que muitas vezes uma não vem acompanhada da outra, pois, assim como Reiss, ele acredita que a censura ou o louvor precisam vir acompanhados de uma análise justificativa prévia.

Paes afirmou que a vertente analítico-interpretativa é a mais distinta, pois, devido a ela, o tradutor deixa de ser ignorado ou menosprezado, como acontece freqüentemente, principalmente por parte de editores ou resenhistas de livros na imprensa, que encontram apoio na teoria da tradução como transparência. Tal teoria teve como porta-voz principal John Lehman, que afirmava que "falar em tradução era como conversar sobre o vidro de um quadro, quando o que devia monopolizar a nossa atenção era evidentemente a pintura" (LEHMAN citado por PAES, 1990, p. 110). Paes, ao contrário, defende que a tradução é na verdade a lente focalizadora que possibilita ao leitor monolíngüe enxergar o mundo (p. 110).

Na concepção de Paes, a crítica tradutória deveria estudar e analisar o trabalho, verificar quais foram as mudanças semânticas de forma e conteúdo do texto original para o traduzido, para, assim, determinar o quanto houve de perda, compensação e ganho durante o processo. Seria ideal na verdade, na opinião de Paes, enxergar todas as falhas da obra traduzida antes que esta chegasse ao público-leitor, o que poderia ser feito através de uma revisão cuidadosa do texto. Esta, segundo ele, é a forma mais útil de crítica, mas que, no entanto, devido ao fato de ocorrer antes da publicação, acaba esquecida (p. 111).

Paes criticou, assim, aqueles que só analisam a tradução quando esta se encontra defeituosa o bastante para lhes chamar a atenção, julgando aqueles tradutores que, por

inexperiência ou insegurança, se apegam servilmente ao texto-fonte e, conseqüentemente, caem na armadilha dos falsos amigos ou falsos cognatos. Os falsos amigos, em sua opinião, ainda apresentam a facilidade de não ser necessário recorrer ao texto original para perceber o erro, tornando assim fácil o trabalho do resenhista (p. 111).

Paes, no livro mencionado, também abordou o fato de que é preciso reparar em qual tipo de texto a análise está sendo feita. As traduções técnicas, por exemplo, têm uma tendência para o literal, usando maior quantidade de decalques e tendo que evitar ambigüidades e imprecisões, devido ao seu caráter pragmático. Além disso, seria preciso atentar para o fato de que não há tradução definitiva, pois elas também estão sujeitas às mudanças dos tempos. Paes acredita que se o crítico prestar atenção a esses fatores, verificando se o texto é eficaz para o que se propõe, ele por fim acaba com a idolatria do original, o que faz com que a tradução passe a ocupar a mesma posição de equivalência que o texto original (p. 115).

Finalmente, Paes atestou que a tradução se encaixa em uma escala de gradações que pode ir do satisfatório ao ótimo e que não é fácil determinar o limiar de um para o outro, muito menos situar em que posição dessa escala se encontra certa tradução. Por isso, aquele que avalia a qualidade de traduções, além de cultura literária e conhecimento de línguas, precisa ter certa intimidade com os procedimentos tradutórios, quer pela prática ou pela leitura regular de traduções de nível. Por causa disso, Paes acredita que quem melhor está capacitado para tal função são os próprios tradutores, chegando a citar o trabalho de Agenor Soares de Moura e sua coluna publicada semanalmente, em meados da década de 1940, no DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Ele lamentou o fato de que tal iniciativa pioneira não teve pessoas que continuassem o trabalho, principalmente em uma época na qual o grande volume de títulos traduzidos e o nível das traduções muitas vezes insatisfatório necessitava de alguém

para mostrar aos leitores quais eram as produções publicadas que possuíam uma tradução de qualidade ou não.

Como é possível notar, Paes utilizava termos ainda fundados em bases lingüísticas, tais como o uso de “falhas”, “perdas”, “ganhos”, “compensações” e “traduções defeituosas”. Ao mesmo tempo, verifica-se que utilizava vários conceitos abordados por Reiss, como por exemplo a importância de se fazer uma análise interpretativa do texto antes de julgá-lo e a necessidade de focar qual o tipo de determinado texto antes de ele ser traduzido ou avaliado. Tal preocupação sobre a importância de se desenvolver uma tipologia textual é a mesma que Reiss manifestara possuir. A partir de tal observação, pode-se concluir que ele se encontrava em um momento no qual o pensamento sobre a crítica tradutória estava passando por uma transição: do estágio em que as traduções eram avaliadas através de “erros” ou “acertos” lingüísticos, para um contexto maior, em que o julgamento sem uma prévia análise de todo o texto e do contexto tradutório já não era considerado mais satisfatório. Paes também comentou sobre a teoria da transparência tradutória e da invisibilidade do tradutor perante os críticos, temas que Lawrence Venuti iria desenvolver de forma mais aprofundada no contexto anglo-americano posteriormente.

3. 2. AS POSTURAS CRÍTICAS DE AGENOR SOARES DE MOURA

A partir das crônicas assinadas por Agenor Soares de Moura, que foram posteriormente compiladas por Ivo Barroso em *À Margem das Traduções* (2003), foi possível perceber algumas das concepções do crítico acerca da tarefa tradutória, ou seja, sua opinião sobre como a tradução deveria ser feita, os aspectos nos quais o tradutor deveria prestar maior atenção, o que não deveria ser feito por ele, entre outros. Através desse estudo, será possível fazer uma leitura sintomática de sua crítica, bem como melhor compreender quais foram as teorias em que se pautou Moura para a realização de sua prática tradutória.

Através do estudo de suas crônicas, percebe-se que Moura acreditava que a tradução não deveria conter elementos que causassem estranhamento no leitor da língua-meta. Devido a esse fato, o crítico não aprovava aqueles que se mostravam muito servis à língua-fonte, mantendo as formas de dizer típicas da língua estrangeira, quando aqui se falaria diferente. Um dos exemplos mencionados por Moura é quando Alfredo Ferreira, na tradução *Nascida para o Mal*, escreveu: "O que vira nela? Achou-se pensando", tradução muito servil do original "*He found himself thinking*" (p. 53).

Moura criticava o uso constante por parte dos tradutores de estrangeirismos quando estes não eram necessários. Em sua opinião, palavras em outra língua somente deveriam ser usadas quando elas não tivessem um correspondente direto na língua-meta. Se não fosse este o caso, ele ressaltava que o mais apropriado seria usar, sempre que possível, as palavras na língua materna do leitor-alvo, a fim de que este tivesse um perfeito entendimento do significado do texto e para que a tradução não provocasse uma sensação de estranhamento naquele que a lesse. Entre os muitos casos de estrangeirismos citados por Moura, estava o uso feito pelo tradutor R. Magalhães Jr., em *Isto é um Pedaço da Inglaterra*, da palavra inglesa "*bulldog*" entre aspas, quando já existia a palavra em português "buldogue" (p. 86). Também criticou Lúcio Cardoso por usar a palavra "*bouganvile*" em o *Fim do Mundo*: "O que os nossos léxicos dão é 'buganvília', 'buganvílea' e 'buganvila'. A variante adotada pelo tradutor é que é inadmissível porque não é nem francês (*bougainvillée*), nem inglês (*bougainvillaea* ou *bougainvillea*)" (p. 80).

Moura também considerava muito servis à língua-fonte aqueles tradutores que se utilizavam de forma constante do método palavra-por-palavra, principalmente quando se tratava de traduções de expressões idiomáticas, provérbios e ditados populares. Talvez esse fosse, na opinião dele, um dos maiores "erros" que podiam ser cometidos pelo tradutor, pois, como se sabe, tais expressões estão fora da compreensão de mundo do leitor da cultura da

língua-meta. Como exemplo, Moura citou uma passagem da tradução de *E o Vento Levou*, feita por Francisca de Bastos Cordeiro, onde ela escreveu: "Os primeiros porque o vinho lhes subia demasiado rápido à cabeça. Os outros por serem muito impulsivos e verem vermelho". Sobre esta passagem Moura disse: "'*to see red'* é um *idiom*. Não é possível traduzi-lo ao pé da letra. Quer dizer enfurecer-se, ficar exasperado, furioso, dar por paus e por pedras" (p. 79). Moura aconselhava que, em casos como esse, o tradutor deveria escrever na língua-meta uma expressão com significado equivalente àquela da língua-fonte, devido ao fato de as línguas possuírem estruturas diferentes e formas de enxergar e designar a realidade de jeitos diversos.

Por outro lado, ele criticava, da mesma forma, os que seguiam uma linha contrária daqueles que eram muito servis à língua-fonte: os que faziam uma tradução muito livre, alterando de forma demasiada a estrutura do original. Ao se referir a esse tipo de tradutor, Moura citou particularmente o caso de Monteiro Lobato, afirmando que muitas vezes tinha a impressão de que o escritor lia o texto original e reescrevia aquilo que leu com suas próprias palavras: "O sr. Monteiro Lobato, tradutor de tantas obras, passou para o português *O Homem Invisível*, de H. G. Wells. Tem-se quase a impressão de que o grande escritor paulista lia um capítulo, apanhava-lhe o conteúdo e depois exprimia, com maior ou menor exação, o assunto do mesmo. Adaptações destas, quase paráfrases, mal se prestam ao cotejo a que dão azo outras traduções menos livres" (MOURA, 2003, p. 21).

Também era constante por parte de Moura a menção recorrente que ele fazia a tradutores que cometiam "inexatidões" ou "traições" à obra original. Ele fazia referência a muitos desses "deslizes" ocorridos em traduções, como por exemplo ao mencionar a tradução do livro *O Morro dos Ventos Uivantes* feita por Oscar Mendes. Apesar de ter declarado que Mendes era em geral um tradutor "feliz e bastante fiel" (p. 25), Moura ainda comentou: "Mas passo às inexatidões ou 'traições', que são em número regular. Serão citadas apenas as mais características. '*Mr. Edgar seldom mustered courage to visit Wuthering Heights openly*.' (56)

‘Edgar costumava dar-se coragem para vir abertamente a Ventos Uivantes.’ (79) Devia ser: “Edgar raramente criava ânimo suficiente para ir até V.U.’” (p. 25).

Nota-se, desde as primeiras crônicas, que Moura demonstrava uma preocupação excessiva no que se refere aos “falsos amigos”. Citou vários casos em que, pelo fato de a palavra estrangeira ter na língua-meta uma forma semelhante do original, o tradutor acabou usando-a sem verificar se essa seria realmente a melhor tradução. Segundo ele, muitas vezes, o significado da palavra usada não corresponde ao vocábulo original, ficando o leitor ou confuso, ou entendendo algo diferente da intenção do autor estrangeiro. Nesse sentido, ele mencionou, por exemplo, a tradução de *Orgulho e Preconceito*, feita por Lúcio Cardoso, em que este traduziu a palavra “*absurd*” por “absurdo”, quando a melhor acepção em português para a palavra inglesa seria outra: “Causa [...] certa estranheza ler-se isto na tradução do sr. Cardoso: ‘As esperanças de Mr. Bennet se realizaram integralmente. Seu primo era tão absurdo quanto ele tinha esperado’. O adjetivo ‘*absurd’*, referido a pessoa, é muito próprio do inglês, com o sentido vago de ridículo, tolo” (MOURA, 2003, p. 23). Moura chegou a chamar atenção para casos em que a palavra na língua-meta pode até mudar de acepção devido a essas traduções: “Algumas dessas palavras são realmente pérfidas porque, introduzidas de contrabando, são capazes de vir a enfraquecer ou até modificar as antigas acepções que o termo vernáculo possuía. Citemos, numa ligeira relação e reportando-nos somente ao inglês, idioma dominante em nosso século: ‘*to realize*’ (compreender, perceber: ‘*He realized my presence’*, ele notou ou percebeu a minha presença) [...]” (p. 28). Como é possível perceber, hoje em dia, a palavra “realizar” já é usada em português na acepção do vernáculo inglês, estando no dicionário Aurélio como anglicismo: “Perceber como realidade”.

O uso dos nomes próprios também deveria ser feito com mais cautela. Segundo o crítico, o tradutor deveria observar se o nome estrangeiro de pessoas conhecidas pelo leitor tem na língua-meta uma tradução já consagrada. Nesses casos, a tradução ou não-tradução do

nome próprio não deveria ser aleatória, já que o leitor conhece a pessoa por um nome específico e, qualquer outro nome, poderia levá-lo a não reconhecer a quem se refere o texto ou, no mínimo, o nome causaria estranhamento. O mais apropriado, portanto, seria empregar a tradução mais comumente utilizada. Moura citou como exemplo a tradução de *O Anel de Ametista*, de Anatole France, feita por Elói Pontes, na qual os nomes de importantes personagens da história não apareciam com suas traduções consagradas na língua portuguesa. Alguns nomes que apareceram na tradução de Pontes foram *Titus*, para se referir ao imperador Tito, *Flavius Josephe*, nome de um historiador antigo conhecido como Flávio Josefo e *Assuerus* (p. 97), nome de um antigo rei da Pérsia, cuja tradução comum seria Assuero ou Xerxes, tradução do nome original persa, como é tradicionalmente conhecido.

Do mesmo modo, o crítico mineiro não concordava com traduções que eram feitas a partir de outras traduções – as traduções indiretas – pois o produto final sofria grandes alterações durante esse processo. Ele comentou sobre tal fato ao analisar a tradução da obra *A Sabedoria na Vida*, originalmente alemã, feita a partir da tradução francesa: "E a propósito de versão portuguesa feita de uma versão francesa de livro original alemão, notava um atilado leitor que tais adaptações de uma adaptação constituem um tipo de obra desnatada e dessorada, obra em que o pensamento primitivo do autor já anda tão mudado com a longa caminhada que o próprio autor não o reconheceria sem dificuldade" (p. 31).

3.2.1. A Análise da Crítica de Moura

Com o intuito de fazer uma crítica do pensamento sobre a prática tradutória de Agenor Soares de Moura, à luz das teorias lançadas por Lawrence Venuti sobre a leitura sintomática, que destacam que toda crítica deve ser feita levando-se em consideração o contexto histórico e temporal do objeto de análise, pretende-se analisar e justificar sua filosofia tradutória através do momento e lugar em que viveu, além dos eventos históricos ocorridos na época,

verificando como as teorias e práticas vigentes naquele contexto influenciaram sua filosofia tradutória. Tal estudo ampliará a compreensão no que concerne a tradução no Brasil durante a década de 1940.

A partir das observações feitas anteriormente acerca do pensamento tradutório de Agenor Soares de Moura, é possível perceber que ele se preocupava em manter o significado das palavras que estão dentro do contexto do texto original, encontrando os termos equivalentes na língua-meta. Ao levar em consideração tal contexto da obra original e o sentido dos termos na língua-fonte, a tradução deveria ser escrita de forma corrente e de fácil compreensão na língua-meta. Elementos típicos da cultura estrangeira, que causariam estranhamentos no leitor do país da língua-meta, deveriam ser evitados. Para isso, o tradutor teria que fazer um trabalho extremamente cuidadoso, pesquisando os vários significados possíveis das palavras, evitando transcrever os modos de dizer típicos do país da língua-fonte e tentando tornar a leitura a mais natural possível. É precisamente quando o tradutor não toma tais cuidados que Moura afirma ter ele sido muito servil à língua-fonte, ou ter cometido "traições" à obra de partida, ou ainda ter incorrido a "erros", já que o objetivo da tradução seria encontrar significados equivalentes na língua-meta e escrevê-los de forma que o texto não chamasse atenção para a língua-fonte.

A partir das críticas feitas a Monteiro Lobato, observa-se que Moura também criticava o outro extremo da tradução, as chamadas adaptações, devido ao fato de elas se distanciarem muito do texto original. Segundo o crítico, as traduções não deveriam deixar completamente de lado o material da língua-fonte, o qual, nos casos das adaptações, torna-se apenas uma fonte de inspiração e consulta para se produzir um outro texto. Monteiro Lobato se dedicou muito à escrita de adaptações, como foi o caso de quando publicou uma coleção de livros infantis e o livro de Hans Staden sobre a sua experiência com índios canibais no Brasil. Até mesmo suas traduções eram feitas de formas mais "livres", ou seja, não eram muito apegadas

ao texto original, refletindo de forma maior a escrita e o estilo do tradutor e a língua da cultura de chegada. Sua tradução de contos de Hemmingway, que teve as construções curtas e simples do texto em inglês, típicas do autor original, trocadas por construções mais rebuscadas e elaboradas, é um exemplo de como Lobato tinha maior preferência por esses tipos de traduções. Isso explica o motivo pelo qual o criador do *Sítio do Pica-Pau Amarelo* fora alvo de tantas críticas por parte de Moura, já que ambos tinham opiniões divergentes quanto até que ponto uma tradução podia se distanciar do texto de partida para se produzir um texto que atendesse às necessidades da língua-meta.

Nota-se, portanto, que o objeto de principal análise, por parte de Moura, era o texto, sem a preocupação de observar o contexto maior que englobava a obra traduzida, ou seja, sem a tentativa de justificar as escolhas tradutórias e analisar qual a influência do contexto cultural em que certa tradução se inseria. É possível observar que essa opinião se aproxima de teorias de bases lingüísticas, que tiveram Georges Mounin como um de seus principais representantes teóricos. Mounin, assim como a maior parte de lingüistas que teorizaram sobre a tradução a partir de meados do século XX, acreditava que as línguas possuíam formas diversas de enxergar o mundo e daí o fato de elas serem tão divergentes. Devido a isso, a tradução deveria atentar para este fato e, dessa forma, tentar observar como que um falante de uma língua expressaria aquele mesmo conteúdo em outra língua, da forma mais clara possível. A tradução deveria se fazer como uma substituição de material textual da língua-fonte com um material textual equivalente na língua-meta, lembrando o conceito de tradução do lingüista John Catford, em *Uma Teoria Lingüística da Tradução:* um Ensaio de Lingüística Aplicada (1980). Assim, a preocupação maior nas análises de tradução era de ordem lingüística e o texto da língua-meta era o que recebia a atenção principal.

Traduções assim, que dão prioridade ao texto da língua-meta, são hoje chamadas de traduções domesticantes, ou seja, são traduções que não dão a impressão de terem sido feitas a

partir de uma outra obra, vinda de uma outra cultura. Criticadas por Venuti em um contexto atual, ele defende que traduções domesticantes e fluentes apagam as diferenças das culturas de origem, criando, conseqüentemente, culturas homogêneas e incapazes de reconhecer o outro. Dessa forma, as traduções estrangeirizantes, ao contrário, iriam sublinhar tais diferenças, com a intenção de parecer estranhas no país de língua-meta e de possibilitar o aprendizado sobre outras culturas, além de não tentarem esconder o fato de que diferentes lugares possuem costumes e formas diversas de enxergar o mundo.

Questões que foram posteriormente defendidas por Venuti, Reiss e Even-Zohar, entre outros pensadores da tradução, como quesitos primordiais para a realização e crítica de tradução, ainda não haviam sido levantadas na época de Moura, tais como: o papel que certa tradução deverá exercer dentro do sistema literário da cultura de chegada; a posição que pretende ocupar e seus objetivos; a influência sobre a literatura e a tradução daquele país; o público-leitor alvo e o tipo de texto da obra original. Devido a esses fatores, Agenor Soares de Moura, inserido no contexto da década de 1940, tecia suas reflexões focadas em um nível principalmente lingüístico. Conseqüentemente, aquelas traduções que faziam uso constante do método palavra-por-palavra, que hoje se aproximariam das traduções estrangeirizantes, eram, portanto, duramente criticadas.

Ressalta-se também que, na década de 1940, ainda não havia cursos superiores de tradução e também não havia uma profissionalização do ofício tradutório. Além disso, com o “boom” da tradução ocorrido na época, houve uma grande demanda de tradutores por parte das editoras brasileiras, o que fez com que muitos escritores brasileiros viessem a se tornar tradutores, muitas vezes sem ter a devida preparação para exercer tal ofício. Com a censura vigente no país, controlada pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), que vinha proibindo a publicação de muitas obras brasileiras, a tradução veio a ser uma alternativa eficiente de publicação para os escritores no país. Tais eventos acabaram acarretando em um

número exorbitante de traduções publicadas na época, como foi possível observar no primeiro capítulo, que mostra como a publicação de traduções superou a de obras nacionais nas principais editoras do país. Dessa forma, o sistema de literatura traduzida passou a ocupar uma posição primária no polissistema literário brasileiro. No entanto, para atender a esse grande fluxo de traduções e por não haver cursos especializados na preparação de tradutores, a qualidade das traduções acabava sendo muitas vezes negligenciada. Soma-se a isso o fato de que, a partir da Segunda Guerra Mundial, houve uma mudança na língua-meta. A maior parte das obras que passaram a chegar no país vinha dos Estados Unidos e não mais da França, como ocorria antes. Até então, a maior parte dos intelectuais tinha um maior domínio da língua européia e traduziam com maior freqüência livros franceses. Quando a língua de tradução mudou, eram poucos os que tinham grande fluência no inglês. Os procedimentos tradutórios utilizados para traduzir obras de língua inglesa também tinham que ser diferentes daqueles anteriormente usados para a tradução de textos franceses, já que ambas as línguas possuíam origens diversas, a primeira sendo anglo-saxônica e a segunda, assim como o português, de origem latina.

Conseqüentemente, muitos se encontravam insatisfeitos com as traduções que estavam sendo publicadas na época e Moura se incluía entre eles. Dessa forma, sua coluna no DIÁRIO DE NOTÍCIAS começou com a tentativa de melhorar a qualidade dessas traduções e chamar a atenção dos tradutores para muitos aspectos da tradução que não estavam sendo levados em consideração. Muitos desses aspectos mostrados por Moura seriam posteriormente trabalhados por teóricos da área. Um exemplo seria a questão dos nomes próprios. Como já mencionado neste mesmo capítulo, Moura defendia a tradução dos nomes estrangeiros que tivessem traduções consagradas na língua-meta. Posteriormente, Peter Newmark, em *Approaches to Translation* (1982), afirmaria que esse é um dos poucos casos em que ele considera possível e recomendada a tradução de nomes próprios.

Através do exemplo acima, é possível perceber a importância do raciocínio teórico de Agenor Soares de Moura e como sua coluna constituía uma rica fonte de estudo e análise para os tradutores. Tratava-se de um espaço em que se tornava possível dialogar sobre os diferentes aspectos da tradução, em uma época na qual os cursos nesta área ainda não existiam. Ainda hoje, mesmo depois das várias mudanças ocorridas dentro da visão sobre a teoria e a prática da tradução, grande parte de suas considerações constituem-se pertinentes e merecedoras de nota. Do mesmo modo, é notável perceber o cuidado que tinha Moura ao analisar as traduções. Ele cotejava a tradução com a obra original, sempre quando esta ele possuía e, ao fazer uma crítica, Moura justificava as razões de não concordar com a escolha do tradutor, fornecendo constantemente uma alternativa que considerasse melhor. Tais atitudes constituem o que Katharina Reiss, em *Translation criticism* – the potentials & limitations (2000), defende serem os princípios básicos necessários para se fazer uma crítica de tradução, provando assim a grande competência e seriedade com que trabalhava Agenor Soares de Moura.

3. 3. A PRÁTICA TRADUTÓRIA DO CRÍTICO DE TRADUÇÕES

A partir das conclusões chegadas sobre a crítica de tradução realizada por Agenor Soares de Moura, será realizada aqui uma análise da prática tradutória do crítico, verificando como sua filosofia tradutória influenciou e determinou sua prática. Para tanto, foi feito um cotejamento entre o conto original do escritor britânico Sir Arthur Conan Doyle, *The Adventure of the Illustrious Client*, publicado em 1927, e sua tradução, realizada por Moura, diretamente do inglês, intitulada *O Cliente Ilustre*. O conto faz parte de uma coletânea de histórias acerca do célebre personagem Sherlock Holmes. O livro, cujo título original é *The Case-Book of Sherlock Holmes*, foi publicado no Brasil como *Histórias de Sherlock Holmes*, pela Editora Melhoramentos. Não foi possível detectar a data exata da publicação da obra, já

que o livro não fornece tal informação e não há maiores dados sobre o mesmo na Internet. A escolha de se analisar tal texto se deveu a uma maior viabilidade em encontrar tanto o texto original de Doyle, bem como a tradução feita por Moura, tornando-se, portanto, possível realizar o cotejamento entre as obras.

Nota-se, ainda, que a tradução da obra de Conan Doyle foi de grande importância dentro do contexto em que foi realizada, pois tratava-se da tradução de um livro proveniente de cultura de língua inglesa, idioma que passou a ser a principal língua de tradução no Brasil a partir da década de 1940. *As Histórias de Sherlock Holmes* também fazia parte do tipo de literatura que fazia sucesso no local de publicação de origem e que, no contexto brasileiro, começava a ser de grande interesse por parte do público-leitor, já que era um gênero literário que se prestava ao entretenimento deste. É válido lembrar que tal gênero, o detetivesco, era ainda desconhecido no Brasil e passou a aqui ficar famoso a partir de traduções tais como a de Moura.

Através da leitura de sua tradução, percebe-se que Moura utilizou no texto uma linguagem literária, diferente da linguagem cotidiana. Tal idéia condiz com a concepção que se tinha na época, não só acerca da tradução, mas da literatura em geral; tinha-se a visão da literatura como um espaço no qual deveria se usar uma linguagem distinta das demais, diferente da língua do dia-a-dia. Dessa forma, a tradução de Moura não foi servil à língua-fonte, pois fez uso dos modos de dizer comumente utilizados na literatura brasileira da época. Moura não só foi condizente com a concepção de literatura de seu tempo, como também o foi com sua própria concepção de tradução. Como já mencionado, o crítico não concordava com aqueles tradutores que se utilizavam do método palavra-por-palavra, não procurando construções mais comuns na língua portuguesa. Portanto, Moura procurou fazer com que sua tradução fosse natural e fluente para o leitor brasileiro. É possível verificar tais conclusões

através da observação das seguintes frases retiradas do texto original, juntamente com as frases correspondentes na tradução:

> *'It can't hurt now,' was Mr. Sherlock Holmes's comment […]*. (p. 1)
> - Já agora não pode fazer mal, disse Mr. Sherlock Holmes à guisa de comentário [...]. (p. 9)
>
> [...] *the day when my narrative begins.* (p. 1)
> [...] data que marca o início da presente narrativa. (p. 9)
>
> *I know no more than this message tells me.* (p. 1)
> Somente sei aquilo que está contido nessas linhas. (p. 9)
>
> *Colonel Sir James Damery was announced.* (p. 2)
> O Coronel Sir James Damery se fez anunciar. (p. 10)

À respeito da primeira frase, "à guisa de comentário" se aproxima mais de uma linguagem literária, ao mesmo tempo em que se afasta da construção original do texto, já que uma tradução literal da passagem seria: "...foi o comentário de Sherlock Holmes". Talvez Moura acreditasse que tal tradução ficaria muito servil ao original. Assim, se também forem observadas as demais frases destacadas dos textos, pode-se concluir que, provavelmente, o tradutor tenha procurado buscar sempre na tradução formas que se aproximassem mais das construções próprias da literatura na sua língua materna.

Foi possível perceber que Moura evitava o uso de estrangeirismos, não os utilizando a não ser que se tratasse de nomes próprios e localizações, únicos casos em que são usados nomes estrangeiros em sua tradução, como por exemplo "Baker Street", "Sir George Lewis", "Mr. Sherlock Holmes", "Northumberland Avenue", "Miss Kitty Winter", "Carlton Club". A manutenção de tais nomes na forma inglesa permite que o leitor identifique que a obra é estrangeira e que a narrativa se passa em outro local. Tal atitude é condizente com a crítica de Moura, pois este considerava de grande importância fazer uma escolha consciente acerca da tradução ou da manutenção do nome próprio estrangeiro. Considerando que o personagem

Sherlock Holmes era muito conhecido entre os leitores brasileiros e nenhum dos nomes citados na obra possuíam uma tradução já conhecida no português, Moura manteve-os como no original, tal qual aconselhava que se fizesse em suas crônicas.

Moura também foi cuidadoso ao usar, no português, expressões com sentido semelhante ao original, quando neste era feito o uso de expressões idiomáticas. Para ilustrar tal fato, pode-se observar que, no conto de língua inglesa, o personagem Sir James Damery diz o seguinte:

> *I need not say that your fees will be assured and that you will be given a perfectly free hand.* (p. 3)

Moura assim traduziu a passagem:

> Não preciso dizer que os honorários do senhor estão garantidos e que o senhor terá carta branca no negócio (p. 12).

Dessa forma, a expressão inglesa "*free hand*" pode ser compreendida pelo leitor brasileiro através da expressão "carta branca", que, em português, possui um significado semelhante ao do original, já que ambas são expressões utilizadas para dizer que alguém possui o direito ou a autoridade de fazer qualquer coisa que considere necessária.

As exclamações contidas no original, usadas para demonstrar espanto, também foram traduzidas por expressões que denotam a mesma idéia, como se pode verificar através dos exemplos:

> *Dear me!* (p. 5)
> Que absurdo! (p. 13)
>
> *Why, Holmes [...]*. (p. 18)
> Ué, Holmes [...]. (p. 30)

As seguintes traduções, da mesma forma, transmitem significados semelhantes:

> *[...] a real aristocrat of crime with a superficial suggestion of afternoon tea.* (p. 7)
> [...] é um verdadeiro aristocrata do crime, com uns laivos de burguês. (p. 17)
>
> *If I can help to put him where he belongs, I'm yours to the rattle.* (p. 10)
> Se eu puder ajudar a mandá-lo para o lugar que ele merece, conte comigo enquanto eu tiver um sopro de vida. (p. 20)
>
> *You needn't go into my past, Mr. Holmes. That's neither here nor there.* (p. 10)
> Mr. Holmes, não é preciso que o senhor mexa no meu passado. Que adianta? (p. 20)
>
> *It wasn't hot air, either*. (p. 11)
> E não era apenas bravata. (p. 21)

No primeiro exemplo, Moura traduziu "*with a supperficial suggestion of afternoon tea*" por "com uns laivos de burguês". "*Afternoon tea*" corresponde ao lanche que se toma na parte da tarde, na Inglaterra, o que, geralmente, é uma xícara de chá com bolo ou biscoitos, ou seja, o chá da tarde. Porém, em português, dizer que o Barão Gruner, a quem a frase em questão se refere, tinha "uns laivos superficiais de chá da tarde", certamente não faria algum sentido para o leitor brasileiro. Como tomar o chá da tarde constituía um costume entre as classes britânicas com um maior poder aquisitivo, possivelmente Moura entendeu que Sir Conan Doyle se referia a um burguês, o que, pelo contexto da obra, possui um maior significado para o leitor.

O segundo exemplo corresponde à fala da personagem Miss Winter, que dizia a Sherlock Holmes o quanto estava disposta a ajudá-lo a prender o Barão Bruner. "*I'm yours to the rattle*" é um idiomatismo. "*Rattle*" provavelmente se refere a "*death rattle*", isto é, os sons produzidos pela pessoa que se encontra à beira da morte, por ter perdido o reflexo de tossir e por não haver passagem para a respiração devido ao acúmulo de mucos. Conclui-se daí que

Miss Winter queria dizer a Mr. Holmes que ela se encontrava à sua disposição até a hora de sua morte. Desta maneira, compreende-se o porquê de Moura ter traduzido nesta passagem: "Conte comigo enquanto eu tiver um sopro de vida".

Na mesma fala de Miss Winter, ela diz no original: "*That's neither here nor there*". Trata-se de outra expressão idiomática, usada para dizer que algo não é importante por não afetar um fato ou uma situação, ou seja, que algo é irrelevante. Daí a tradução pela expressão usada naturalmente no português: "Que adianta?".

Mais adiante, a mesma personagem ainda diz "*It wasn't hot air, either*", ao comentar que o Barão Gruner não fazia ameaças por brincadeira. "*Hot air*" significa algo que uma pessoa diz com a intenção de impressionar, mas que não corresponde à verdade. Desta maneira, a tradução de Moura "e não era apenas bravata" explica o significado da expressão. [9]

Tais exemplos mostram que Moura tinha grande preocupação em fazer com que a tradução estivesse mais próxima da língua portuguesa, também sendo para ele importante usar expressões com um sentido mais familiar ao leitor brasileiro. Em sua crítica, Moura defendia que o tradutor deveria, da forma mais fluente possível, imprimir, na língua-meta, a idéia que o autor queria transmitir em sua língua materna. Pode-se perceber, desta maneira, que tal intenção esteve presente na tradução aqui analisada.

Apesar de Moura se afastar do original ao buscar uma linguagem mais literária e expressões que fornecessem um sentido mais claro na língua-meta, o crítico e tradutor tentou, sempre que possível, manter a estrutura do original. Assim, foram observadas poucas omissões e adições, estas aparecendo somente caso fossem necessárias para se obter um melhor entendimento do texto, como nas seguintes passagens, em que se encontram grifadas as adições:

---

[9] Os significados das palavras e expressões idiomáticas foram retirados dos dicionários LONGMAN – Dictionary of Contemporary English, Cambridge Advanced Learner's Dictionary e The American Heritage Dictionary of the English Language.

> *Whatever he did went with me, same as with this poor fool!* (p. 11)
> Guardei para mim o que ele fizera, absolvendo-o de tudo tal qual essa louquinha de agora. (p. 21, meu grifo)
>
> *Lucky if I live the week.* (p. 17)
> Diga-lhe que só por sorte eu passarei desta semana. (p. 28, meu grifo)
>
> *This is the real egg-shell pottery of the Ming dynasty*. (p. 19)
> Isto é a genuína cerâmica em casca de ovo, trabalho verdadeiramente artístico da dinastia Ming. (p. 30, meu grifo)
>
> *[...] for I was nearly as well known by sight at the Yard as Holmes himself.* (p. 24)
> [...] porque eu era quase tão bem conhecido de vista na Scotland Yard como o próprio Holmes. (p. 36, meu grifo)

É válido observar que, no caso do último exemplo, tal adição era necessária para que ficasse claro que Watson estava se referindo ao escritório principal da polícia de Londres, já que no Brasil tal lugar não é conhecido apenas por "*Yard*".

As omissões ocorreram principalmente por questões de estilo, para que a tradução não ficasse muito servil ao original. Seguem-se alguns exemplos de omissões no texto traduzido, estando elas grifadas nas passagens de língua inglesa:

> *Sir James begs to say that the matter upon which he desires to consult Mr. Holmes is very delicate.* (p. 1, meu grifo)
> Pede vênia para dizer que o assunto sobre o qual deseja consultar Mr. Holmes é muito delicado. (p. 10)
>
> *Is the game worth it?* (p. 8, meu grifo)
> Acha que vale a pena? (p. 17)
>
> *Couldn't you lay proofs before her silly eyes?* (p. 11, meu grifo)
> O senhor não podia por as provas diante dos olhos dela? (p. 20)
>
> *It would have been useless as well as foolish to do otherwise*. (p. 24, meu grifo)
> Seria inútil proceder diferentemente. (p. 36)

Na primeira passagem destacada, o sujeito foi omitido para que se evitassem repetições, já que ele havia sido mencionado na oração anterior. No segundo exemplo, é

possível reparar que em português não era necessário, nem seria adequado, traduzir "*the game*", como está no original, pois a expressão em português que se usa é, de fato, como foi traduzida por Moura. Nas duas últimas orações, no entanto, não se sabe o porquê de Moura ter omitido os trechos grifados, já que seria possível traduzir as passagens sem que se houvesse perda de material textual, como por exemplo: "O senhor não podia pôr as provas diante de seus olhos tolos?" e "Seria inútil, bem como insensato, proceder diferentemente". Ainda assim, há várias razões pelas quais um tradutor opta por não traduzir certos segmentos de texto, talvez por questões de estilo ou por acreditar que tal trecho não seria pertinente na obra traduzida. Da mesma forma, é comum que omissões ocorram por descuido do tradutor, causado por diferentes fatores, tais como cansaço ou distração.

Por fim, não foram encontrados na tradução termos que não correspondessem com aqueles do original, caso no qual Agenor Soares de Moura se referia como "inexatidões" ou "traições" cometidas pelo tradutor. Percebe-se, portanto, que Moura esteve muito atento no que se refere ao uso de palavras na tradução que possuíssem a mesma acepção das palavras no original. Tal fato comprova o zelo com que trabalhava Moura e como, de fato, colocava em prática suas idéias e conceitos sobre o fazer tradutório. A qualidade de suas traduções foi, inclusive, salientada por Paulo Rónai, que assinou o prefácio do livro *À Margem das Traduções*, assim começando-o: "Se eu tivesse de exemplificar as qualidades do tradutor ideal, reunidas num brasileiro, apontaria sem hesitação a pessoa de Agenor Soares de Moura" (RÓNAI citado por BARROSO, 2003, p. 9). Mais adiante, Rónai ainda comentou que, ao ser publicada a primeira tradução de Agenor Soares de Moura, Raul Lima havia revelado que o tradutor do livro era o mesmo que assinava com o pseudônimo C.T. (Crítico de Traduções) no DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Convidou, então, as "vítimas" das avaliações do crítico a acharem todos os erros que havia naquela volumosa obra, o primeiro tomo da tetralogia de Thomas Mann, *José e seus Irmãos*. Rónai declarou o seguinte sobre o episódio: "Não me consta que

alguém se tenha abalançado a tarefa tão espinhosa, o que não me surpreende, pois, por incumbência da editora, tive ensejo de verificar, antes da composição, a qualidade excepcional do trabalho. Depois de publicado o livro, o confronto com o original levou o espírito culto de Sérgio Buarque de Holanda, a declarar, sem hesitação, que ‘em matéria de tradução para o português, nada se fez até hoje de melhor’” (RÓNAI citado por BARROSO, 2003, p. 12).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo, foi possível perceber a importância da atuação de Agenor Soares de Moura em um dos principais momentos da tradução no Brasil do século XX. Apesar de ter morado durante quase toda a sua vida em Barbacena, sua contribuição ultrapassou os limites do estado de Minas Gerais, a partir do momento em que Moura passou a trabalhar como crítico para o DIÁRIO DE NOTÍCIAS e como tradutor para a Editora Globo, ambos de Porto Alegre.

A compilação de suas crônicas por Ivo Barroso e a avaliação das mesmas realizadas nesta monografia permitem compreender melhor esse momento da história da tradução no Brasil. Percebe-se que a maior parte dos tradutores da época era constituída de homens. No entanto, as crônicas de Moura já apontavam a entrada das mulheres nesse mercado de trabalho, que, aos poucos, parece ter sido dominado pelas mesmas. Da mesma forma, as crônicas mostram o grande número de escritores que realizavam traduções na época, fato este que se deveu principalmente à censura que vinha proibindo publicações nacionais, controlada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), e à não-profissionalização do ofício tradutório naquele período. Também as editoras citadas por Moura estavam entre as que mais publicaram traduções na década de 1940 e a maior parte das obras analisadas pelo crítico era de origem de língua inglesa, o que mostra a contribuição de Moura para a mudança ocorrida na língua de tradução, do francês para o inglês. Tal mudança foi fruto da hegemonia política e econômica dos países de língua inglesa, principalmente da Inglaterra e dos Estados Unidos da América, no contexto mundial, que se sedimentou ao longo da Segunda Guerra Mundial e ao final da mesma, no período da Guerra Fria.

Neste trabalho também foi possível se obter um maior conhecimento sobre o desenvolvimento do pensamento sobre a crítica de tradução a partir da segunda metade do século XX. Através da compreensão de pensamentos e teorias desenvolvidos por intelectuais como Georges Mounin, Katharina Reiss, Lawrence Venuti e José Paulo Paes, verificou-se a

competência de Moura, pois, muito antes dos mesmos, Moura já defendia e colocava em prática questões metodológicas que posteriormente eles vieram a defender. Como exemplo, pode-se citar o fato de que Moura sempre justificava o motivo de não concordar com certas escolhas tradutórias, fornecendo uma solução que julgasse ser mais adequada para a passagem analisada, além do fato de suas avaliações serem feitas a partir do cotejamento entre a tradução e o original.

Verificou-se também que Moura atuou de forma ética como tradutor, pois pautou a sua prática em função de preceitos que defendeu como crítico dessa atividade. É válido ainda ressaltar que a coluna *Às Margens da Tradução* foi publicada em uma época na qual ainda não existia um pensamento teórico sobre a tradução no Brasil. O primeiro a veicular em forma de livro suas reflexões sobre o ofício tradutório foi Paulo Rónai, que, em 1952, publicou *Escola de Tradutores*. Assim, percebe-se que, antes mesmo de Rónai, houve um intelectual que se preocupou em estabelecer um raciocínio teórico sobre a tradução, mesmo que de forma pouco sistemática. Dessa forma, Moura, sem ter tal intenção, lançou as bases para o desenvolvimento de um pensamento acerca do fazer tradutório, colocando questões pertinentes que seriam desenvolvidas em outros momentos por muitos teóricos da área, inclusive Rónai.

Finalmente, a análise da atuação do mineiro Agenor Soares de Moura como crítico e tradutor permitiu compreender um momento relevante do desenvolvimento da tradução no Brasil, entrelaçando os condicionamentos de tal atividade a questões de ordem política e econômica que operam não só no contexto no qual ela se realiza como também naquele de onde provêm os originais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CATFORD, John. *Uma teoria lingüística da tradução:* um ensaio de lingüística aplicada. Tradução do Centro de Especialização de Tradutores da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. São Paulo: Cultrix/Universidade Católica de Campinas, 1980.

DE GRANDI, Celito. *Diário de Notícias*: o romance de um jornal. Porto Alegre: L&PM, 2005.

DOYLE, Sir Arthur Conan. Histórias de Sherlock Holmes. Tradução de Agenor Soares de Moura. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

EVEN-ZOHAR, Itamar. The position of translated literature within the literary polysystem. In: VENUTI, Lawrence. *The translation studies reader*. London: Routledge, 2001. p. 192-197.

HALLEWELL, Lawrence. *O livro no Brasil* (sua história). Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz / Edusp, 1985.

MICELI, Sergio. Intelectuais à brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOUNIN, Georges. Os problemas teóricos da tradução. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

MOURA, Agenor Soares de. À margem das traduções. Org. BARROSO, Ivo. São Paulo: Arx, 2003.

NEWMARK, Peter. *Approaches to translation*. Oxford: Pergamon Press, 1982.

PAES, José Paulo. *Tradução*: a ponte necessária – aspectos e problemas da arte de traduzir. São Paulo: Editora Ática S.A., 1990.

POE, Edgar Allan. *O Corvo e suas Traduções*. Org. BARROSO, Ivo. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2000.

REISS, Katharina. *Translation criticism* – the potentials & limitations. Manchester: St. Jerome Publishing, 2000.

RÓNAI, Paulo. A tradução vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

RÓNAI, Paulo. Escola de tradutores. Rio de Janeiro: Cadernos de Cultura, 1952.

VENUTI, Lawrence. *The translator's invisibility*: a history of translation. London/New York: Routledge, 1995.

WYLER, Lia. *Línguas, poetas e bacharéis*: uma crônica da tradução no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

INTERNET:

DOYLE, Sir Arthur Conan. The adventure of the illustrious client. In: The case-book of Sherlock Holmes. Capturado em 19 de setembro de 2006. Online. Disponível na internet: http://etext.library.adelaide.edu.au/d/doyle/arthur_conan/d75ca/illustrious.client.html

ANEXOS

ANEXO I:

Conto *The Adventure of the Illustrious Client* de Sir Arthur Conan Doyle, na língua inglesa

The Adventure of the Illustrious Client

"It can't hurt now," was Mr. Sherlock Holmes's comment when, for the tenth time in as many years, I asked his leave to reveal the following narrative. So it was that at last I obtained permission to put on record what was, in some ways, the supreme moment of my friend's career.

Both Holmes and I had a weakness for the Turkish bath. It was over a smoke in the pleasant lassitude of the drying-room that I have found him less reticent and more human than anywhere else. On the upper floor of the Northumberland Avenue establishment there is an isolated corner where two couches lie side by side, and it was on these that we lay upon September 3, 1902, the day when my narrative begins. I had asked him whether anything was stirring, and for answer he had shot his long, thin, nervous arm out of the sheets which enveloped him and had drawn an envelope from the inside pocket of the coat which hung beside him.

"It may be some fussy, self-important fool; it may be a matter of life or death," said he as he handed me the note. "I know no more than this message tells me."

It was from the Carlton Club and dated the evening before. This is what I read:

Sir James Damery presents his compliments to Mr. Sherlock Holmes and will call upon him at 4:30 to-morrow. Sir James begs to say that the matter upon which he desires to consult Mr. Holmes is very delicate and also very important. He trusts, therefore, that Mr. Holmes will make every effort to grant this interview, and that he will confirm it over the telephone to the Carlton Club.

"I need not say that I have confirmed it, Watson," said Holmes as I returned the paper. "Do you know anything of this man Damery?"

"Only that this name is a household word in society."

"Well, I can tell you a little more than that. He has rather a reputation for arranging delicate matters which are to be kept out of the papers. You may remember his negotiations with Sir George Lewis over the Hammerford Will case. He is a man of the world with a natural turn

for diplomacy. I am bound, therefore, to hope that it is not a false scent and that he has some real need for our assistance."

"Our?"

"Well, if you will be so good, Watson."

"I shall be honoured."

"Then you have the hour — 4:30. Until then we can put the matter out of our heads."

I was living in my own rooms in Queen Anne Street at the time, but I was round at Baker Street before the time named. Sharp to the half-hour, Colonel Sir James Damery was announced. It is hardly necessary to describe him, for many will remember that large, bluff, honest personality, that broad, cleanshaven face, and, above all, that pleasant, mellow voice. Frankness shone from his gray Irish eyes, and good humour played round his mobile, smiling lips. His lucent top-hat, his dark frock-coat, indeed, every detail, from the pearl pin in the black satin cravat to the lavender spats over the varnished shoes, spoke of the meticulous care in dress for which he was famous. The big, masterful aristocrat dominated the little room.

"Of course, I was prepared to find Dr. Watson," he remarked with a courteous bow. "His collaboration may be very necessary, for we are dealing on this occasion, Mr. Holmes, with a man to whom violence is familiar and who will, literally, stick at nothing. I should say that there is no more dangerous man in Europe."

"I have had several opponents to whom that flattering term has been applied," said Holmes with a smile. "Don't you smoke? Then you will excuse me if I light my pipe. If your man is more dangerous than the late Professor Moriarty, or than the living Colonel Sebastian Moran, then he is indeed worth meeting. May I ask his name?"

"Have you ever heard of Baron Gruner?"

"You mean the Austrian murderer?"

Colonel Damery threw up his kid-gloved hands with a laugh. "There is no getting past you, Mr. Holmes! Wonderful! So you have already sized him up as a murderer?"

"It is my business to follow the details of Continental crime. Who could possibly have read what happened at Prague and have any doubts as to the man's guilt! It was a purely technical

legal point and the suspicious death of a witness that saved him! I am as sure that he killed his wife when the socalled ‘accident’ happened in the Splugen Pass as if I had seen him do it. I knew, also, that he had come to England and had a presentiment that sooner or later he would find me some work to do. Well, what has Baron Gruner been up to? I presume it is not this old tragedy which has come up again?”

“No, it is more serious than that. To revenge crime is important, but to prevent it is more so. It is a terrible thing, Mr. Holmes, to see a dreadful event, an atrocious situation, preparing itself before your eyes, to clearly understand whither it will lead and yet to be utterly unable to avert it. Can a human being be placed in a more trying position?”

“Perhaps not.”

“Then you will sympathize with the client in whose interests I am acting.”

“I did not understand that you were merely an intermediary. Who is the principal?”

“Mr. Holmes, I must beg you not to press that question. It is important that I should be able to assure him that his honoured name has been in no way dragged into the matter. His motives are, to the last degree, honourable and chivalrous, but he prefers to remain unknown. I need not say that your fees will be assured and that you will be given a perfectly free hand. Surely the actual name of your client is immaterial?”

“I am sorry,” said Holmes. “I am accustomed to have mystery at one end of my cases, but to have it at both ends is too confusing. I fear, Sir James, that I must decline to act.”

Our visitor was greatly disturbed. His large, sensitive face was darkened with emotion and disappointment.

“You hardly realize the effect of your own action, Mr. Holmes,” said he. “You place me in a most serious dilemma for I am perfectly certain that you would be proud to take over the case if I could give you the facts, and yet a promise forbids me from revealing them all. May I, at least, lay all that I can before you?”

“By all means, so long as it is understood that I commit myself to nothing.”

“That is understood. In the first place, you have no doubt heard of General de Merville?”

“De Merville of Khyber fame? Yes, I have heard of him.”

“He has a daughter, Violet de Merville, young, rich, beautiful, accomplished, a wonder-woman in every way. It is this daughter, this lovely, innocent girl, whom we are endeavouring to save from the clutches of a fiend.”

“Baron Gruner has some hold over her, then?”

“The strongest of all holds where a woman is concerned — the hold of love. The fellow is, as you may have heard, extraordinarily handsome, with a most fascinating manner, a gentle voice and that air of romance and mystery which means so much to a woman. He is said to have the whole sex at his mercy and to have made ample use of the fact.”

“But how came such a man to meet a lady of the standing of Miss Violet de Merville?”

“It was on a Mediterranean yachting voyage. The company, though select, paid their own passages. No doubt the promoters hardly realized the Baron’s true character until it was too late. The villain attached himself to the lady, and with such effect that he has completely and absolutely won her heart. To say that she loves him hardly expresses it. She dotes upon him, she is obsessed by him. Outside of him there is nothing on earth. She will not hear one word against him. Everything has been done to cure her of her madness, but in vain. To sum up, she proposes to marry him next month. As she is of age and has a will of iron, it is hard to know how to prevent her.”

“Does she know about the Austrian episode?”

“The cunning devil has told her every unsavoury public scandal of his past life, but always in such a way as to make himself out to be an innocent martyr. She absolutely accepts his version and will listen to no other.”

“Dear me! But surely you have inadvertently let out the name of your client? It is no doubt General de Merville.”

Our visitor fidgeted in his chair.

“I could deceive you by saying so, Mr. Holmes, but it would not be true. De Merville is a broken man. The strong soldier has been utterly demoralized by this incident. He has lost the nerve which never failed him on the battlefield and has become a weak, doddering old man, utterly incapable of contending with a brilliant, forceful rascal like this Austrian. My client however is an old friend, one who has known the General intimately for many years and taken a paternal interest in this young girl since she wore short frocks. He cannot see this tragedy

consummated without some attempt to stop it. There is nothing in which Scotland Yard can act. It was his own suggestion that you should be called in, but it was, as I have said, on the express stipulation that he should not be personally involved in the matter. I have no doubt, Mr. Holmes, with your great powers you could easily trace my client back through me, but I must ask you, as a point of honour, to refrain from doing so, and not to break in upon his incognito."

Holmes gave a whimsical smile.

"I think I may safely promise that," said he. "I may add that your problem interests me, and that I shall be prepared to look into it. How shall I keep in touch with you?"

"The Carlton Club will find me. But in case of emergency, there is a private telephone call, 'XX.31.' "

Holmes noted it down and sat, still smiling, with the open memorandum-book upon his knee.

"The Baron's present address, please?"

"Vernon Lodge, near Kingston. It is a large house. He has been fortunate in some rather shady speculations and is a rich man, which naturally makes him a more dangerous antagonist."

"Is he at home at present?"

"Yes."

"Apart from what you have told me, can you give me any further information about the man?"

"He has expensive tastes. He is a horse fancier. For a short time he played polo at Hurlingham, but then this Prague affair got noised about and he had to leave. He collects books and pictures. He is a man with a considerable artistic side to his nature. He is, I believe, a recognized authority upon Chinese pottery and has written a book upon the subject."

"A complex mind," said Holmes. "All great criminals have that. My old friend Charlie Peace was a violin virtuoso. Wainwright was no mean artist. I could quote many more. Well, Sir James, you will inform your client that I am turning my mind upon Baron Gruner. I can say no more. I have some sources of information of my own, and I dare say we may find some means of opening the matter up."

When our visitor had left us Holmes sat so long in deep thought that it seemed to me that he had forgotten my presence. At last, however, he came briskly back to earth.

“Well, Watson, any views?” he asked.

“I should think you had better see the young lady herself.”

“My dear Watson, if her poor old broken father cannot move her, how shall I, a stranger, prevail? And yet there is something in the suggestion if all else fails. But I think we must begin from a different angle. I rather fancy that Shinwell Johnson might be a help.”

I have not had occasion to mention Shinwell Johnson in these memoirs because I have seldom drawn my cases from the latter phases of my friend’s career . During the first years of the century he became a valuable assistant. Johnson, I grieve to say, made his name first as a very dangerous villain and served two terms at Parkhurst. Finally he repented and allied himself to Holmes, acting as his agent in the huge criminal underworld of London and obtaining information which often proved to be of vital importance. Had Johnson been a “nark” of the police he would soon have been exposed, but as he dealt with cases which never came directly into the courts, his activities were never realized by his companions. With the glamour of his two convictions upon him, he had the entree of every night-club, doss house, and gambling-den in the town, and his quick observation and active brain made him an ideal agent for gaining information. It was to him that Sherlock Holmes now proposed to turn.

It was not possible for me to follow the immediate steps taken by my friend, for I had some pressing professional business of my own, but I met him by appointment that evening at Simpson’s, where, sitting at a small table in the front window and looking down at the rushing stream of life in the Strand, he told me something of what had passed.

“Johnson is on the prowl,” said he. “He may pick up some garbage in the darker recesses of the underworld, for it is down there, amid the black roots of crime, that we must hunt for this man’s secrets.”

“But if the lady will not accept what is already known, why should any fresh discovery of yours turn her from her purpose?”

“Who knows, Watson? Woman’s heart and mind are insoluble puzzles to the male. Murder might be condoned or explained, and yet some smaller offence might rankle. Baron Gruner remarked to me —”

“He remarked to you!”

“Oh, to be sure, I had not told you of my plans. Well, Watson, I love to come to close grips with my man. I like to meet him eye to eye and read for myself the stuff that he is made of. When I had given Johnson his instructions I took a cab out to Kingston and found the Baron in a most affable mood.”

“Did he recognize you?”

“There was no difficulty about that, for I simply sent in my card. He is an excellent antagonist, cool as ice, silky voiced and soothing as one of your fashionable consultants, and poisonous as a cobra. He has breeding in him — a real aristocrat of crime with a superficial suggestion of afternoon tea and all the cruelty of the grave behind it. Yes, I am glad to have had my attention called to Baron Adelbert Gruner.”

“You say he was affable?”

“A purring cat who thinks he sees prospective mice. Some people’s affability is more deadly than the violence of coarser souls. His greeting was characteristic. ‘I rather thought I should see you sooner or later, Mr. Holmes,’ said he. ‘You have been engaged, no doubt by General de Merville, to endeavour to stop my marriage with his daughter, Violet. That is so, is it not?’

“I acquiesced.

“ ‘My dear man,’ said he. ‘you will only ruin your own well-deserved reputation. It is not a case in which you can possibly succeed. You will have barren work, to say nothing of incurring some danger. Let me very strongly advise you to draw off at once.’

“ ‘It is curious,’ I answered, ‘but that was the very advice which I had intended to give you. I have a respect for your brains, Baron, and the little which I have seen of your personality has not lessened it. Let me put it to you as man to man. No one wants to rake up your past and make you unduly uncomfortable. It is over, and you are now in smooth waters, but if you persist in this marriage you will raise up a swarm of powerful enemies who will never leave you alone until they have made England too hot to hold you. Is the game worth it? Surely you would be wiser if you left the lady alone. It would not be pleasant for you if these facts of your past were brought to her notice.’

“The Baron has little waxed tips of hair under his nose, like the short antennae of an insect. These quivered with amusement as he listened, and he finally broke into a gentle chuckle.

“ ‘Excuse my amusement, Mr. Holmes,’ said he, ‘but it is really funny to see you trying to play a hand with no cards in it. I don’t think anyone could do it better, but it is rather pathetic all the same. Not a colour card there, Mr. Holmes, nothing but the smallest of the small.’

“ ‘So you think.’

“ ‘So I know. Let me make the thing clear to you, for my own hand is so strong that I can afford to show it. I have been fortunate enough to win the entire affection of this lady. This was given to me in spite of the fact that I told her very clearly of all the unhappy incidents in my past life. I also told her that certain wicked and designing persons — I hope you recognize yourself — would come to her and tell her these things, and I warned her how to treat them. You have heard of post-hypnotic suggestion. Mr. Holmes ‘ Well you will see how it works for a man of personality can use hypnotism without any vulgar passes or tomfoolery. So she is ready for you and, I have no doubt, would give you an appointment, for she is quite amenable to her father’s will — save only in the one little matter.’

“Well, Watson, there seemed to be no more to say, so I took my leave with as much cold dignity as I could summon, but, as I had my hand on the door-handle, he stopped me.

“ ‘By the way, Mr. Holmes,’ said he, ‘did you know Le Brun, the French agent?’

“ ‘Yes,’ said I.

“ ‘Do you know what befell him?’

“‘I heard that he was beaten by some Apaches in the Montmartre district and crippled for life.’

“ ‘Quite true, Mr. Holmes. By a curious coincidence he had been inquiring into my affairs only a week before. Don’t do it, Mr. Holmes; it’s not a lucky thing to do. Several have found that out. My last word to you is, go your own way and let me go mine. Good-bye!’

“So there you are, Watson. You are up to date now.”

“The fellow seems dangerous.”

“Mighty dangerous. I disregard the blusterer, but this is the sort of man who says rather less than he means.”

“Must you interfere? Does it really matter if he marries the girl?”

“Considering that he undoubtedly murdered his last wife, I should say it mattered very much. Besides, the client! Well, well, we need not discuss that. When you have finished your coffee you had best come home with me, for the blithe Shinwell will be there with his report.”

We found him sure enough, a huge, coarse, red-faced, scorbutic man, with a pair of vivid black eyes which were the only external sign of the very cunning mind within. It seems that he had dived down into what was peculiarly his kingdom, and beside him on the settee was a brand which he had brought up in the shape of a slim, flame-like young woman with a pale, intense face, youthful, and yet so worn with sin and sorrow that one read the terrible years which had left their leprous mark upon her.

“This is Miss Kitty Winter,” said Shinwell Johnson, waving his fat hand as an introduction. “What she don’t know — well, there, she’ll speak for herself. Put my hand right on her, Mr. Holmes, within an hour of your message.”

“I’m easy to find,” said the young woman. “Hell, London, gets me every time. Same address for Porky Shinwell. We’re old mates, Porky, you and I. But, by cripes! there is another who ought to be down in a lower hell than we if there was any justice in the world! That is the man you are after, Mr. Holmes.”

Holmes smiled. “I gather we have your good wishes, Miss Winter.”

“If I can help to put him where he belongs, I’m yours to the rattle,” said our visitor with fierce energy. There was an intensity of hatred in her white, set face and her blazing eyes such as woman seldom and man never can attain.

“You needn’t go into my past, Mr. Holmes. That‘s neither here nor there. But what I am Adelbert Gruner made me. If I could pull him down!” She clutched frantically with her hands into the air. “Oh, if I could only pull him into the pit where he has pushed so many!”

“You know how the matter stands?”

“Porky Shinwell has been telling me. He’s after some other poor fool and wants to marry her this time. You want to stop it. Well, you surely know enough about this devil to prevent any decent girl in her senses wanting to be in the same parish with him.”

“She is not in her senses. She is madly in love. She has been told all about him. She cares nothing.”

“Told about the murder?”

“Yes.”

“My Lord, she must have a nerve!”

“She puts them all down as slanders.”

“Couldn’t you lay proofs before her silly eyes?”

“Well, can you help us do so?”

“Ain’t I a proof myself? If I stood before her and told her how he used me —”

“Would you do this?”

“Would I? Would I not!”

“Well, it might be worth trying. But he has told her most of his sins and had pardon from her, and I understand she will not reopen the question.”

“I’ll lay he didn‘t tell her all,” said Miss Winter. “I caught a glimpse of one or two murders besides the one that made such a fuss. He would speak of someone in his velvet way and then look at me with a steady eye and say: ‘He died within a month.’ It wasn’t hot air, either. But I took little notice — you see, I loved him myself at that time. Whatever he did went with me, same as with this poor fool! There was just one thing that shook me. Yes, by cripes! if it had not been for his poisonous, lying tongue that explains and soothes. I’d have left him that very night. It‘s a book he has — a brown leather book with a lock, and his arms in gold on the outside. I think he was a bit drunk that night, or he would not have shown it to me.”

“What was it, then?”

“I tell you, Mr. Holmes, this man collects women, and takes a pride in his collection, as some men collect moths or butterflies. He had it all in that book. Snapshot photographs, names, details, everything about them. It was a beastly book — a book no man, even if he had come from the gutter, could have put together. But it was Adelbert Gruner’s book all the same. ‘Souls I have ruined.’ He could have put that on the outside if he had been so minded.

However, that's neither here nor there, for the book would not serve you, and, if it would, you can't get it."

"Where is it?"

"How can I tell you where it is now? It's more than a year since I left him. I know where he kept it then. He's a precise, tidy cat of a man in many of his ways, so maybe it is still in the pigeon-hole of the old bureau in the inner study. Do you know his house?"

"I've been in the study," said Holmes.

"Have you, though? You haven't been slow on the job if you only started this morning. Maybe dear Adelbert has met his match this time. The outer study is the one with the Chinese crockery in it — big glass cupboard between the windows. Then behind his desk is the door that leads to the inner study — a small room where he keeps papers and things."

"Is he not afraid of burglars?"

"Adelbert is no coward. His worst enemy couldn't say that of him. He can look after himself. There's a burglar alarm at night. Besides, what is there for a burglar — unless they got away with all this fancy crockery?"

"No good," said Shinwell Johnson with the decided voice of the expert. "No fence wants stuff of that sort that you can neither melt nor sell."

"Quite so," said Holmes. "Well, now, Miss Winter, if you would call here tomorrow evening at five. I would consider in the meanwhile whether your suggestion of seeing this lady personally may not be arranged. I am exceedingly obliged to you for your cooperation. I need not say that my clients will consider liberally —"

"None of that, Mr. Holmes," cried the young woman. "I am not out for money. Let me see this man in the mud, and I've got all I've worked for — in the mud with my foot on his cursed face. That's my price. I'm with you tomorrow or any other day so long as you are on his track. Porky here can tell you always where to find me."

I did not see Holmes again until the following evening when we dined once more at our Strand restaurant. He shrugged his shoulders when I asked him what luck he had had in his interview. Then he told the story, which I would repeat in this way. His hard, dry statement needs some little editing to soften it into the terms of real life.

“There was no difficulty at all about the appointment,” said Holmes, “for the girl glories in showing abject filial obedience in all secondary things in an attempt to atone for her flagrant breach of it in her engagement. The General phoned that all was ready, and the fiery Miss W. turned up according to schedule, so that at half-past five a cab deposited us outside 104 Berkeley Square, where the old soldier resides — one of those awful gray London castles which would make a church seem frivolous. A footman showed us into a great yellow-curtained drawing-room, and there was the lady awaiting us, demure, pale, self-contained, as inflexible and remote as a snow image on a mountain.

“I don’t quite know how to make her clear to you, Watson. Perhaps you may meet her before we are through, and you can use your own gift of words. She is beautiful, but with the ethereal other-world beauty of some fanatic whose thoughts are set on high. I have seen such faces in the pictures of the old masters of the Middle Ages. How a beastman could have laid his vile paws upon such a being of the beyond I cannot imagine. You may have noticed how extremes call to each other, the spiritual to the animal, the cave-man to the angel. You never saw a worse case than this.

“She knew what we had come for, of course — that villain had lost no time in poisoning her mind against us. Miss Winter’s advent rather amazed her, I think, but she waved us into our respective chairs like a reverend abbess receiving two rather leprous mendicants. If your head is inclined to swell, my dear Watson, take a course of Miss Violet de Merville.

“ ‘Well, sir,’ said she in a voice like the wind from an iceberg, ‘your name is familiar to me. You have called, as I understand, to malign my fiance, Baron Gruner. It is only by my father’s request that I see you at all, and I warn you in advance that anything you can say could not possibly have the slightest effect upon my mind.’

“I was sorry for her, Watson. I thought of her for the moment as I would have thought of a daughter of my own. I am not often eloquent. I use my head, not my heart. But I really did plead with her with all the warmth of words that I could find in my nature. I pictured to her the awful position of the woman who only wakes to a man’s character after she is his wife — a woman who has to submit to be caressed by bloody hands and lecherous lips. I spared her nothing — the shame, the fear, the agony, the hopelessness of it all. All my hot words could not bring one tinge of colour to those ivory cheeks or one gleam of emotion to those abstracted eyes. I thought of what the rascal had said about a post-hypnotic influence. One could really believe that she was living above the earth in some ecstatic dream. Yet there was nothing indefinite in her replies.

“ ‘I have listened to you with patience, Mr. Holmes,’ said she. ‘The effect upon my mind is exactly as predicted. I am aware that Adelbert, that my fiance, has had a stormy life in which he has incurred bitter hatreds and most unjust aspersions. You are only the last of a series who have brought their slanders before me. Possibly you mean well, though I learn that you are a paid agent who would have been equally willing to act for the Baron as against him. But in any case I wish you to understand once for all that I love him and that he loves me, and that the opinion of all the world is no more to me than the twitter of those birds outside the window. If his noble nature has ever for an instant fallen, it may be that I have been specially sent to raise it to its true and lofty level. I am not clear’ — here she turned eyes upon my companion — ‘who this young lady may be.’

“I was about to answer when the girl broke in like a whirlwind. If ever you saw flame and ice face to face, it was those two women.

“ ‘I’ll tell you who I am,’ she cried, springing out of her chair, her mouth all twisted with passion — ‘I am his last mistress. I am one of a hundred that he has tempted and used and ruined and thrown into the refuse heap, as he will you also. Your refuse heap is more likely to be a grave, and maybe that’s the best. I tell you, you foolish woman, if you marry this man he’ll be the death of you. It may be a broken heart or it may be a broken neck, but he’ll have you one way or the other. It‘s not out of love for you I’m speaking. I don‘t care a tinker’s curse whether you live or die. It’s out of hate for him and to spite him and to get back on him for what he did to me. But it’s all the same, and you needn’t look at me like that, my fine lady, for you may be lower than I am before you are through with it.’

“ ‘I should prefer not to discuss such matters,’ said Miss de Merville coldly. ‘Let me say once for all that I am aware of three passages in my fiance’s life in which he became entangled with designing women, and that I am assured of his hearty repentance for any evil that he may have done.’

“ ‘Three passages!’ screamed my companion. ‘You fool! You unutterable fool!’

“ ‘Mr. Holmes, I beg that you will bring this interview to an end,’ said the icy voice. ‘I have obeyed my father’s wish in seeing you, but I am not compelled to listen to the ravings of this person.’

“With an oath Miss Winter darted forward, and if I had not caught her wrist she would have clutched this maddening woman by the hair. I dragged her towards the door and was lucky to get her back into the cab without a public scene, for she was beside herself with rage. In a

cold way I felt pretty furious myself, Watson, for there was something indescribably annoying in the calm aloofness and supreme self-complaisance of the woman whom we were trying to save. So now once again you know exactly how we stand, and it is clear that I must plan some fresh opening move, for this gambit won't work. I'll keep in touch with you, Watson, for it is more than likely that you will have your part to play, though it is just possible that the next move may lie with them rather than with us."

And it did. Their blow fell — or his blow rather, for never could I believe that the lady was privy to it. I think I could show you the very paving-stone upon which I stood when my eyes fell upon the placard, and a pang of horror passed through my very soul. It was between the Grand Hotel and Charing Cross Station, where a one-legged news-vender displayed his evening papers. The date was just two days after the last conversation. There, black upon yellow, was the terrible news-sheet:

MURDEROUS ATTACK UPON
SHERLOCK HOLMES

I think I stood stunned for some moments. Then I have a confused recollection of snatching at a paper, of the remonstrance of the man, whom I had not paid, and, finally, of standing in the doorway of a chemist's shop while I turned up the fateful paragraph. This was how it ran:

We learn with regret that Mr. Sherlock Holmes, the well-known private detective, was the victim this morning of a murderous assault which has left him in a precarious position. There are no exact details to hand, but the event seems to have occurred about twelve o'clock in Regent Street, outside the Cafe Royal. The attack was made by two men armed with sticks, and Mr. Holmes was beaten about the head and body, receiving injuries which the doctors describe as most serious. He was carried to Charing Cross Hospital and afterwards insisted upon being taken to his rooms in Baker Street. The miscreants who attacked him appear to have been respectably dressed men, who escaped from the bystanders by passing through the Cafe Royal and out into Glasshouse Street behind it. No doubt they belonged to that criminal fraternity which has so often had occasion to bewail the activity and ingenuity of the injured man.

I need not say that my eyes had hardly glanced over the paragraph before I had sprung into a hansom and was on my way to Baker Street. I found Sir Leslie Oakshott, the famous surgeon, in the hall and his brougham waiting at the curb.

“No immediate danger,” was his report. “Two lacerated scalp wounds and some considerable bruises. Several stitches have been necessary. Morphine has been injected and quiet is essential, but an interview of a few minutes would not be absolutely forbidden.”

With this permission I stole into the darkened room. The sufferer was wide awake, and I heard my name in a hoarse whisper. The blind was three-quarters down, but one ray of sunlight slanted through and struck the bandaged head of the injured man. A crimson patch had soaked through the white linen compress. I sat beside him and bent my head.

“All right, Watson. Don’t look so scared,” he muttered in a very weak voice. “It’s not as bad as it seems.”

“Thank God for that!”

“I’m a bit of a single-stick expert, as you know. I took most of them on my guard. It was the second man that was too much for me.”

“What can I do, Holmes? Of course, it was that damned fellow who set them on. I’ll go and thrash the hide off him if you give the word.”

“Good old Watson! No, we can do nothing there unless the police lay their hands on the men. But their get-away had been well prepared. We may be sure of that. Wait a little. I have my plans. The first thing is to exaggerate my injuries. They’ll come to you for news. Put it on thick, Watson. Lucky if I live the week out concussion delirium — what you like! You can’t overdo it.”

“But Sir Leslie Oakshott?”

“Oh, he’s all right. He shall see the worst side of me. I‘ll look after that.”

“Anything else?”

“Yes. Tell Shinwell Johnson to get that girl out of the way. Those beauties will be after her now. They know, of course, that she was with me in the case. If they dared to do me in it is not likely they will neglect her. That is urgent. Do it to-night.”

“I’ll go now. Anything more?”

“Put my pipe on the table — and the tobacco-slipper. Right! Come in each morning and we will plan our campaign.”

I arranged with Johnson that evening to take Miss Winter to a quiet suburb and see that she lay low until the danger was past.

For six days the public were under the impression that Holmes was at the door of death. The bulletins were very grave and there were sinister paragraphs in the papers. My continual visits assured me that it was not so bad as that. His wiry constitution and his determined will were working wonders. He was recovering fast, and I had suspicions at times that he was really finding himself faster than he pretended even to me. There was a curious secretive streak in the man which led to many dramatic effects, but left even his closest friend guessing as to what his exact plans might be. He pushed to an extreme the axiom that the only safe plotter was he who plotted alone. I was nearer him than anyone else, and yet I was always conscious of the gap between.

On the seventh day the stitches were taken out, in spite of which there was a report of erysipelas in the evening papers. The same evening papers had an announcement which I was bound, sick or well, to carry to my friend. It was simply that among the passengers on the Cunard boat Ruritania, starting from Liverpool on Friday, was the Baron Adelbert Gruner, who had some important financial business to settle in the States before his impending wedding to Miss Violet de Merville, only daughter of, etc., etc. Holmes listened to the news with a cold, concentrated look upon his pale face, which told me that it hit him hard.

“Friday!” he cried. “Only three clear days. I believe the rascal wants to put himself out of danger’s way. But he won‘t, Watson! By the Lord Harry, he won’t! Now, Watson, I want you to do something for me.”

“I am here to be used, Holmes.”

“Well, then, spend the next twenty-four hours in an intensive study of Chinese pottery.”

He gave no explanations and I asked for none. By long experience I had learned the wisdom of obedience. But when I had left his room I walked down Baker Street, revolving in my head how on earth I was to carry out so strange an order. Finally I drove to the London Library in St. James’s Square, put the matter to my friend Lomax, the sublibrarian, and departed to my rooms with a goodly volume under my arm.

It is said that the barrister who crams up a case with such care that he can examine an expert witness upon the Monday has forgotten all his forced knowledge before the Saturday. Certainly I should not like now to pose as an authority upon ceramics. And yet all that evening, and all that night with a short interval for rest, and all next morning, I was sucking in knowledge and committing names to memory. There I learned of the hall-marks of the great artist-decorators, of the mystery of cyclical dates, the marks of the Hung-wu and the beauties of the Yung-lo, the writings of Tang-ying, and the glories of the primitive period of the Sung and the Yuan. I was charged with all this information when I called upon Holmes next evening. He was out of bed now, though you would not have guessed it from the published reports, and he sat with his much-bandaged head resting upon his hand in the depth of his favourite armchair.

“Why, Holmes,” I said, “if one believed the papers, you are dying. ”

“That,” said he, “is the very impression which I intended to convey. And now, Watson, have you learned your lessons?”

“At least I have tried to.”

“Good. You could keep up an intelligent conversation on the subject?”

“I believe I could.”

“Then hand me that little box from the mantelpiece.”

He opened the lid and took out a small object most carefully wrapped in some fine Eastern silk. This he unfolded, and disclosed a delicate little saucer of the most beautiful deep-blue colour.

“It needs careful handling, Watson. This is the real egg-shell pottery of the Ming dynasty. No finer piece ever passed through Christie’s. A complete set of this would be worth a king‘s ransom — in fact, it is doubtful if there is a complete set outside the imperial palace of Peking. The sight of this would drive a real connoisseur wild.”

“What am I to do with it?”

Holmes handed me a card upon which was printed: “Dr. Hill Barton, 369 Half Moon Street.”

“That is your name for the evening, Watson. You will call upon Baron Gruner. I know something of his habits, and at half-past eight he would probably be disengaged. A note will tell him in advance that you are about to call, and you will say that you are bringing him a specimen of an absolutely unique set of Ming china. You may as well be a medical man, since that is a part which you can play without duplicity. You are a collector this set has come your way, you have heard of the Baron’s interest in the subject, and you are not averse to selling at a price.”

“What price?”

“Well asked, Watson. You would certainly fall down badly if you did not know the value of your own wares. This saucer was got for me by Sir James, and comes, I understand, from the collection of his client. You will not exaggerate if you say that it could hardly be matched in the world.”

“I could perhaps suggest that the set should be valued by an expert.”

“Excellent, Watson! You scintillate to-day. Suggest Christie or Sotheby. Your delicacy prevents your putting a price for yourself.”

“But if he won’t see me?”

“Oh, yes, he will see you. He has the collection mania in its most acute form — and especially on this subject, on which he is an acknowledged authority. Sit down, Watson, and I will dictate the letter. No answer needed. You will merely say that you are coming, and why.”

It was an admirable document, short, courteous, and stimulating to the curiosity of the connoisseur. A district messenger was duly dispatched with it. On the same evening, with the precious saucer in my hand and the card of Dr. Hill Barton in my pocket, I set off on my own adventure.

The beautiful house and grounds indicated that Baron Gruner was, as Sir James had said, a man of considerable wealth. A long winding drive, with banks of rare shrubs on either side, opened out into a great gravelled square adorned with statues. The place had been built by a South African gold king in the days of the great boom, and the long, low house with the turrets at the corners, though an architectural nightmare, was imposing in its size and solidity. A butler, who would have adorned a bench of bishops, showed me in and handed me over to a plush-clad footman, who ushered me into the Baron’s presence.

He was standing at the open front of a great case which stood between the windows and which contained part of his Chinese collection. He turned as I entered with a small brown vase in his hand.

“Pray sit down, Doctor,” said he. “I was looking over my own treasures and wondering whether I could really afford to add to them. This little Tang specimen, which dates from the seventh century, would probably interest you. I am sure you never saw finer workmanship or a richer glaze. Have you the Ming saucer with you of which you spoke?”

I carefully unpacked it and handed it to him. He seated himself at his desk, pulled over the lamp, for it was growing dark, and set himself to examine it. As he did so the yellow light beat upon his own features, and I was able to study them at my ease.

He was certainly a remarkably handsome man. His European reputation for beauty was fully deserved. In figure he was not more than of middle size, but was built upon graceful and active lines. His face was swarthy, almost Oriental, with large, dark, languorous eyes which might easily hold an irresistible fascination for women. His hair and moustache were raven black, the latter short, pointed, and carefully waxed. His features were regular and pleasing, save only his straight, thin-lipped mouth. If ever I saw a murderer’s mouth it was there — a cruel, hard gash in the face, compressed, inexorable, and terrible. He was ill-advised to train his moustache away from it, for it was Nature’s danger-signal, set as a warning to his victims. His voice was engaging and his manners perfect. In age I should have put him at little over thirty, though his record afterwards showed that he was forty-two.

“Very fine — very fine indeed!” he said at last. “And you say you have a set of six to correspond. What puzzles me is that I should not have heard of such magnificent specimens. I only know of one in England to match this, and it is certainly not likely to be in the market. Would it be indiscreet if I were to ask you, Dr. Hill Barton, how you obtained this?”

“Does it really matter?” I asked with as careless an air as I could muster.

“You can see that the piece is genuine, and, as to the value, I am content to take an expert’s valuation.”

“Very mysterious,” said he with a quick, suspicious flash of his dark eyes. “In dealing with objects of such value, one naturally wishes to know all about the transaction. That the piece is genuine is certain. I have no doubts at all about that. But suppose — I am bound to take every possibility into account — that it should prove afterwards that you had no right to sell?”

“I would guarantee you against any claim of the son.”

“That, of course, would open up the question as to what your guarantee was worth.”

“My bankers would answer that.”

“Quite so. And yet the whole transaction strikes me as rather unusual.”

“You can do business or not,” said I with indifference. “I have given you the first offer as I understood that you were a connoisseur, but I shall have no difficulty in other quaerers.”

“Who told you I was a connoisseur?”

“I was aware that you had written a book upon the subject.”

“Have you read the book?”

“No.”

“Dear me, this becomes more and more difficult for me to understand! You are a connoisseur and collector with a very valuable piece in your collection, and yet you have never troubled to consult the one book which would have told you of the real meaning and value of what you held. How do you explain that?”

“I am a very busy man. I am a doctor in practice.”

“That is no answer. If a man has a hobby he follows it up, whatever his other pursuits may be. You said in your note that you were a connoisseur.”

“So I am.”

“Might I ask you a few questions to test you? I am obliged to tell you, Doctor — if you are indeed a doctor — that the incident becomes more and more suspicious. I would ask you what do you know of the Emperor Shomu and how do you associate him with the Shoso-in near Nara? Dear me, does that puzzle you? Tell me a little about the Nonhern Wei dynasty and its place in the history of ceramics.”

I sprang from my chair in simulated anger.

“This is intolerable, sir,” said I. “I came here to do you a favour, and not to be examined as if I were a schoolboy. My knowledge on these subjects may be second only to your own, but I certainly shall not answer questions which have been put in so offensive a way.”

He looked at me steadily. The languor had gone from his eyes. They suddenly glared. There was a gleam of teeth from between those cruel lips.

“What is the game? You are here as a spy. You are an emissary of Holmes. This is a trick that you are playing upon me. The fellow is dying I hear, so he sends his tools to keep watch upon me. You’ve made your way in here without leave, and, by God! you may find it harder to get out than to get in.”

He had sprung to his feet, and I stepped back, bracing myself for an attack, for the man was beside himself with rage. He may have suspected me from the first; certainly this cross-examination had shown him the truth; but it was clear that I could not hope to deceive him. He dived his hand into a side-drawer and rummaged furiously. Then something struck upon his ear, for he stood listening intently.

“Ah!” he cried. “Ah!” and dashed into the room behind him.

Two steps took me to the open door, and my mind will ever carry a clear picture of the scene within. The window leading out to the garden was wide open. Beside it, looking like some terrible ghost, his head gin with bloody bandages, his face drawn and white, stood Sherlock Holmes. The next instant he was through the gap, and I heard the crash of his body among the laurel bushes outside. With a howl of rage the master of the house rushed after him to the open window.

And then! It was done in an instant, and yet I clearly saw it. An arm — a woman’s arm — shot out from among the leaves. At the same instant the Baron uttered a horrible cry — a yell which will always ring in my memory. He clapped his two hands to his face and rushed round the room, beating his head horribly against the walls. Then he fell upon the carpet, rolling and writhing, while scream after scream resounded through the house.

“Water! For God’s sake, water!” was his cry.

I seized a carafe from a side-table and rushed to his aid. At the same moment the butler and several footmen ran in from the hall. I remember that one of them fainted as I knelt by the injured man and turned that awful face to the light of the lamp. The vitriol was eating into it

everywhere and dripping from the ears and the chin. One eye was already white and glazed. The other was red and inflamed. The features which I had admired a few minutes before were now like some beautiful painting over which the artist has passed a wet and foul sponge. They were blurred, discoloured, inhuman, terrible.

In a few words I explained exactly what had occurred, so far as the vitriol attack was concerned. Some had climbed through the window and others had rushed out on to the lawn, but it was dark and it had begun to rain. Between his screams the victim raged and raved against the avenger. “It was that hell-cat, Kitty Winter!” he cried. “Oh, the she-devil! She shall pay for it! She shall pay! Oh, God in heaven, this pain is more than I can bear!”

I bathed his face in oil, put cotton wadding on the raw surfaces, and administered a hypodermic of morphia. All suspicion of me had passed from his mind in the presence of this shock, and he clung to my hands as if I might have the power even yet to clear those dead-fish eyes which glazed up at me. I could have wept over the ruin had I not remembered very clearly the vile life which had led up to so hideous a change. It was loathsome to feel the pawing of his burning hands, and I was relieved when his family surgeon, closely followed by a specialist, came to relieve me of my charge. An inspector of police had also arrived, and to him I handed my real card. It would have been useless as well as foolish to do otherwise, for I was nearly as well known by sight at the Yard as Holmes himself. Then I left that house of gloom and terror. Within an hour I was at Baker Street.

Holmes was seated in his familiar chair, looking very pale and exhausted. Apart from his injuries, even his iron nerves had been shocked by the events of the evening, and he listened with horror to my account of the Baron’s transformation.

“The wages of sin, Watson — the wages of sin!” said he. “Sooner or later it will always come. God knows, there was sin enough,” he added, taking up a brown volume from the table. “Here is the book the woman talked of. If this will not break off the marriage, nothing ever could. But it will, Watson. It must. No self-respecting woman could stand it.”

“It is his love diary?”

“Or his lust diary. Call it what you will. The moment the woman told us of it I realized what a tremendous weapon was there if we could but lay our hands on it. I said nothing at the time to indicate my thoughts, for this woman might have given it away. But I brooded over it. Then this assault upon me gave me the chance of letting the Baron think that no precautions need be taken against me. That was all to the good. I would have waited a little longer, but his visit to

America forced my hand. He would never have left so compromising a document behind him. Therefore we had to act at once. Burglary at night is impossible. He takes precautions. But there was a chance in the evening if I could only be sure that his attention was engaged. That was where you and your blue saucer came in. But I had to be sure of the position of the book, and I knew I had only a few minutes in which to act, for my time was limited by your knowledge of Chinese pottery. Therefore I gathered the girl up at the last moment. How could I guess what the little packet was that she carried so carefully under her cloak? I thought she had come altogether on my business, but it seems she had some of her own."

"He guessed I came from you."

"I feared he would. But you held him in play just long enough for me to get the book, though not long enough for an unobserved escape. Ah, Sir James, I am very glad you have come!"

Our courtly friend had appeared in answer to a previous summons. He listened with the deepest attention to Holmes's account of what had occurred.

"You have done wonders — wonders!" he cried when he had heard the narrative. "But if these injuries are as terrible as Dr. Watson describes, then surely our purpose of thwarting the marriage is sufficiently gained without the use of this horrible book."

Holmes shook his head.

"Women of the De Merville type do not act like that. She would love him the more as a disfigured martyr. No, no. It is his moral side, not his physical, which we have to destroy. That book will bring her back to earth — and I know nothing else that could. It is in his own writing. She cannot get past it."

Sir James carried away both it and the precious saucer. As I was myself overdue, I went down with him into the street. A brougham was waiting for him. He sprang in, gave a hurried order to the cockaded coachman, and drove swiftly away. He flung his overcoat half out of the window to cover the armorial bearings upon the panel, but I had seen them in the glare of our fanlight none the less. I gasped with surprise. Then I turned back and ascended the stair to Holmes's room.

"I have found out who our client is," I cried, bursting with my great news. "Why, Holmes, it is —"

“It is a loyal friend and a chivalrous gentleman,” said Holmes, holding up a restraining hand. “Let that now and forever be enough for us.”

I do not know how the incriminating book was used. Sir James may have managed it. Or it is more probable that so delicate a task was entrusted to the young lady’s father. The effect, at any rate, was all that could be desired.

Three days later appeared a paragraph in the Morning Post to say that the marriage between Baron Adelbert Gruner and Miss Violet de Merville would not take place. The same paper had the first police-court hearing of the proceedings against Miss Kitty Winter on the grave charge of vitriol-throwing. Such extenuating circumstances came out in the trial that the sentence, as will be remembered was the lowest that was possible for such an offence. Sherlock Holmes was threatened with a prosecution for burglary, but when an object is good and a client is sufficiently illustrious, even the rigid British law becomes human and elastic. My friend has not yet stood in the dock.

ANEXO II

Tradução para o português de *The Adventure of the Illustrious Client*, realizada por Agenor Soares de Moura